



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**MARIA ELBA DE SOUSA**

**ENTRE NARRATIVAS: Histórias do pioneirismo da CNEC em Monsenhor  
Hipólito-PI e reminiscências em torno deste processo (1975-1978)**

**PICOS-PI**

**2013**

MARIA ELBA DE SOUSA

**ENTRE NARRATIVAS: Histórias do pioneirismo da CNEC em Monsenhor  
Hipólito-PI e reminiscências em torno deste processo (1975-1978)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito obrigatório para obtenção do título do grau de licenciada em História.

Orientador: Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro.

**PICOS-PI**

**2013**

Eu, **Maria Elba de Sousa**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI 26 de setembro de 2013.

  
Assinatura

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**S725e** Sousa, Maria Elba de.  
Entre narrativas: histórias do pioneirismo da CNEC em Monsenhor Hipólito (PI) e reminiscências em torno deste processo (1975 / 1978) / Maria Elba de Sousa. – 2013.  
CD-ROM : ii; 4 ¾ pol. (80 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2013.  
Orientador(A): Prof. Msc. Francisco Gleison da Costa Monteiro

1. Educação. 2. História - Piauí. 3. CNEC. 4. Memória Hipolitana I. Título.

**CDD 370.981 22**

MARIA ELBA DE SOUSA

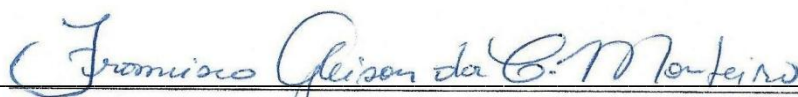
**ENTRE NARRATIVAS: Histórias do pioneirismo da CNEC em Monsenhor  
Hipólito-PI e reminiscências em torno deste processo (1975-1978)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciada em História.

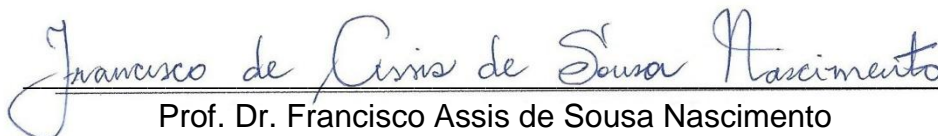
Orientador: Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro.

Aprovada em 17 / 09 / 2013

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro  
Orientador



Prof. Dr. Francisco Assis de Sousa Nascimento  
Examinador Interno



Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos  
Examinador Externo

Aos meus Pais (**João da Cruz e Maria do Carmo**), pois graças a eles, recebi o dom mais precioso, a vida, e somente por eles é que hoje estou aqui, pessoas fundamentais e inexplicavelmente essenciais em minha vida, que estão sempre ao meu lado, independente do momento, sorrindo a cada conquista, sofrendo e chorando a cada queda, mais sempre me incentivando a levantar e seguir em frente, doando-me um amor ímpar e uma dedicação insubstituível. Painho e Mainha: Meus amores, à vocês eu devo tudo que hoje sou, com seus princípios de bondade e solidariedade, me deram tudo que é necessário para jamais desistir dos meus objetivos e sonhos. A Vocês meus pais, obrigado por sacrificar seus sonhos em prol dos meus, pelo companheirismo, amizade, incentivo e pelo amor incondicional que me doam, Vocês são meus maiores e melhores exemplos de garra, perseverança e de vida, AMO-OS! Essa caminhada longa, árdua e inesquecível não teria sido possível sem vocês, pois durante estes cinco anos de curso vocês foram minha pedra fundamental, meus braços, meu ombro, minhas influências, meus bons exemplos, meu apoio, enfim, tudo que hoje sou devo em boa parte a vocês, pois sempre me ensinaram coisas maravilhosas por meios sólidos e com muito amor.

## AGRADECIMENTOS

Chegando ao fim deste trabalho, não poderia deixar de agradecer as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a sua realização.

Agradeço a **DEUS** por caminhar juntinho de mim, por estar ao meu lado nas minhas quedas, lutas, vitórias e derrotas, assim como tudo que vi, ouvi e aprendi devo a ti, obrigado pela graça, obrigado pela vida! Imensamente grata por ter me proporcionado força e coragem quando pensei em desistir, ou mesmo nem tentar, o seu amor incondicional é minha fonte de riqueza. OBRIGADA!

Ao professor **Gleison Monteiro**, por toda a sua paciência em me aconselhar, incentivar-me e corrigir o meu trabalho. Agradeço também a todos os mestres que fizeram parte do percurso destes cinco anos, em especial: **Marylu, Francisco, Zé Lins, Johny e Nilsângela**, Vocês foram Essenciais!!!

É com muito carinho que agradeço a minha mãe, **Maria do Carmo**, que me ajudou a manter a calma nos momentos mais difíceis, facilitando os meus dias para que eu tivesse mais tempo para me dedicar a este trabalho e me doando apoio moral e amoroso...Todas as vezes que alguém me disse não, você disse sim para o meu coração. Seu apoio, dedicação e amor foram essenciais durante toda esta trajetória. Obrigada por ser minha pilastra, minha fonte de inspiração, meu amor mais puro e verdadeiro. Amor Incondicional!

Ao meu exemplo de garra e perseverança, meu pai **João Joca**, que com seu jeito simples me ensinou todos os pré-requisitos para me tornar o que hoje sou. Obrigada pelo companheirismo e por sempre acreditar no meu potencial, só estou conquistando essa vitória graças a sua influência. Obrigada por ter me educado da forma mais linda, mais pura e amorosa. Te Amo!

Aos meus Irmãos, **Dudu e Helber**, só tenho a agradecer pela compreensão e por estarem presentes em diversos momentos dessa caminhada, vocês me doaram carinho, apoio e confiança. Obrigado por as inúmeras vezes que abdicaram de seus planos em prol de minhas necessidades. Amo-os!

A minha querida sobrinha, **Luna Rauanny**, que é minha inspiração diária e que me proporcionou durante todo este percurso muitas alegrias, pois sempre a encontrava sorrindo e aquele sorriso sincero me puxava de qualquer problema que estivesse passando. Titia te Ama!!!

Aos meus bons e velhos **AMIGOS** eu tenho muito a agradecer, Vocês foram mais que amigos, pois já fazem parte de minha família. Obrigada por confiarem e depositarem suas expectativas em mim e por estarem presentes em todos os momentos.

Aos meus amigos de vida: **Patrícia, Paulo Henrique, Ulisses, Vanessa e Susany....** Obrigada pelo sorriso, pela amizade, pela força, pelos conselhos, pelo apoio, pelas brigas, pelo amor e por todas as experiências compartilhadas. Vocês são peças essenciais na minha trajetória de vida e que quero levar comigo aonde quer que vá! Ao lado de vocês já vivi momentos diversos, já aprendi e cresci bastante nesses muitos anos de convivência, podem passar anos, mas sempre quando a gente se reencontrar meu coração vai saber e reconhecer tamanho amor que sinto por vocês!

Agradeço de forma especial as minhas companheiras de casa: **Patrícia, Janaína, Vanessa e Raiane...** com vocês eu vivi momentos inesquecíveis e que jamais serão apagados...Tudo foi aprendizagem, todas as brigas foram essenciais para o nosso amadurecimento, os risos dados por tantas besteiras que só a gente entende, as longas conversas de madrugada vão fazer muita falta, as festas, as cachaças, os namoricos, enfim...a convivência diária que fez de vocês uma parte de mim! A nossa caminhada juntas não termina aqui...

Aos meus Colegas de Turma por tudo que a gente viveu e compartilhou nesses 5 anos de curso...A amizade de tantos anos fica, assim como o respeito e as boas lembranças jamais serão esquecidas, pois fomos mais que colegas, talvez mais que amigos até, fomos **PARCEIROS...**

As minhas amigas e parceiras de curso: **Lucélia, Isabel, Jéssica Ramone, Jéssica Leal e Eliene,** um obrigado recheado de saudades já...Vocês meus amores, serão minhas eternas best friends, minhas parceiras de fofocas, meu ombro amigo quando tudo parece perdido, meus melhores motivos de risos, minhas confidentes especiais....Eu só tenho motivos para agradecer a entrada e permanência de vocês na minha vida!!!!

Gostaria de agradecer a **Madrinha Elciana,** a senhora foi fundamental nesse processo de minha pesquisa, a sua ajuda técnica e seu apoio moral sempre que precisei foi essencial. Serei sempre grata! Tenho um carinho único por ti.

Agradeço de forma bem especial ao meu primo, patrão e amigo: **Kennys**, essa caminhada foi longa e sua ajuda e parceria foram fundamental para esta conquista, muito OBRIGADA!

Agradeço também aos **Entrevistados**, por toda disponibilidade com que me receberam em suas casas, compartilhando comigo suas lembranças, sem quaisquer restrições.

Essa vitória é minha, mas eu compartilho com todos vocês que me incentivaram, me ajudaram e que estão transbordando de alegria assim como eu!!!



A história oral e as memórias não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas reais ou imaginárias.

(Alessandro Portelli)

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema: “ENTRE NARRATIVAS: Histórias do pioneirismo da CNEC em Monsenhor Hipólito-PI e reminiscências em torno deste processo- 1975/1978”, objetivando uma pesquisa densa em torno do processo de implantação da educação básica na cidade a partir da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade- CNEC, instituição de presença significativa na educação brasileira e que deixou benefícios para a sociedade Hipolitana. Sendo assim, abordaremos o procedimento ocorrido na educação de Monsenhor Hipólito-PI a partir da rememoração daqueles que participaram deste processo e contextualizando com as literaturas existentes sobre o contexto historiográfico da Campanha. As fontes utilizadas neste trabalho serão pertinentes a documentações bibliográficas referentes ao tema em estudo associado com livros pertinentes à oralidade, que tem uma influência relevante dentro do trabalho e pesquisa de campo, assimilando dentre outras ideias, as de Delgado, Halbwachs e Thompson, pois, a memória será utilizada em associação com a história oral como fonte e metodologia da pesquisa em voga. Temos por base teórica e reflexiva as perspectivas alimentadas pelas produções como: Ronalda Silva, João Silva, Tiago Gomes, Ivanildo Holanda, entre outros que foram surgindo no decorrer do estudo. Sendo apresentada em dois capítulos.

**Palavras-chave:** Educação. História. Piauí. CNEC. Memória Hipolitana.

## ABSTRACT

The present work has as its theme: "BETWEEN STORY: Stories of pioneering CNEC in Bishop Hippolytus-PI and reminiscences about this process-1975/1978", a survey aiming dense around the process of implementation of basic education in the city from National Campaign for Community Schools-CNEC, establishing a significant presence in the Brazilian education and left Hipolitana benefits to society. Thus, we discuss the procedure occurred in the education of Bishop Hippolytus-PI from the remembrance of those who participated in this process and contextualized with the existing literature on the historiographical context of the Campaign. The sources used in this work are relevant to bibliographic documentation related to the subject under study associated with books relevant to orality, which has an important influence in the work and field research, assimilating among other ideas, Delgado, Halbwachs and Thompson therefore memory will be used in combination with oral history as source and research methodology in vogue. We have a theoretical basis and reflective perspectives fueled by such productions as: Ronalda Silva, John Silva, Tiago Gomes, Ivanildo Netherlands, among others that emerged during the study. Being presented in two chapters.

**Keywords:** Education. History. Piauí. CNEC. Memory Hipolitana.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Ilustração 1:</b> Localização de Monsenhor Hipólito-PI .....	23
<b>Ilustração 2:</b> Felipe Tiago Gomes- Fundador da CNEC Nacional.....	29
<b>Ilustração 3:</b> Dom Avelar - Primeiro Administrador da CNEC-PI .....	40
<b>Ilustração 4:</b> Santinha, Diretora fundadora da CNEC em Monsenhor Hipólito .....	47
<b>Ilustração 5:</b> Virgílio de Sá Bezerra - Fundador da CNEC em Monsenhor Hipólito .	50
<b>Ilustração 6:</b> Da esquerda para direita: José Ayrton Bezerra, Zezinho Bezerra, Prof. Valdir Cruz, o presidente estadual Leocádio Melo, Manoel Alves Bezerra- Né Bezerra e o prefeito da época Virgílio de Sá Bezerra .....	56
<b>Ilustração 7:</b> Atual Prédio da Escola, fundada em Janeiro de 1983 e funciona até os dias atuais .....	58
<b>Ilustração 8:</b> Monumento de inauguração da Escola Cenecista e do atual Colégio municipalizado Padre Cícero Romão Batista .....	59
<b>Ilustração 9:</b> Primeiras Professoras da turma cenecista pioneira. Da esquerda para a direita: Eufrásia, Perciliana, Graçinha, Delma e Santinha .....	63
<b>Ilustração 10:</b> Desfile cenecista de 7 de Setembro .....	68
<b>Ilustração 11:</b> Certificado de Conclusão do Ginásio Cenecista .....	72
<b>Ilustração 12:</b> Diretora na Formatura .....	73
<b>Ilustração 13:</b> Alunas no Baile .....	73
<b>Ilustração 14:</b> Placa em Homenagem aos primeiros formandos que fica na entrada da Escola .....	74
<b>Ilustração 15:</b> Reencontro da primeira turma ginásial em Julho de 2008 .....	76

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1 CNEC: Surgimento, processo de difusão e sua trajetória em torno das transformações na historiografia brasileira</b> .....	19
1.1 Conhecendo Monsenhor Hipólito- PI .....	20
1.2 Trajetória da CNEC Nacional .....	26
1.3 Breve Histórico da CNEC no Piauí .....	38
<b>2 ENTRE NARRATIVAS E IMAGENS: Histórias do pioneirismo da CNEC em Monsenhor Hipólito-PI e reminiscências em torno deste processo (1975/1978)</b> .....	45
2.1 Reminiscências do pioneirismo da CNEC em Monsenhor Hipólito-PI.....	45
2.2 Vivências e experiências do ensino Cenecista Hipolitano.....	62
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	78
<b>FONTES E REFERÊNCIAS</b> .....	80

## INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema: “ENTRE NARRATIVAS: Histórias do pioneirismo da CNEC em Monsenhor Hipólito-PI e reminiscências em torno deste processo- 1975/1978”. Buscamos entender como se deu a implantação do ensino ginasial por meio da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade- CNEC na cidade e o que este proporcionou para a sociedade hipolitana, pois até então a cidade não possuía esta forma de ensino.

A cidade de Monsenhor Hipólito é uma região do Estado do Piauí que embora seja bem pequena possui grandes potencialidades, especialmente pelo seu potencial educacional que cresce de forma plausível. É geograficamente cortada pelo rio Riachão, antigo nome fornecido a cidade antes de sua emancipação Política e, está localizada a uma distância de 374 km da capital Teresina e de 70 km da cidade de Picos- PI, o maior entroncamento rodoviário do Nordeste brasileiro ao qual a cidade em estudo mantém maior contato comercial, tendo em média uma população de 7.000 habitantes.

A cidade hipolitana se destaca em vários segmentos sociais, culturais e econômicos, como: a atividade da pecuária, agricultura, o comércio em geral e principalmente pelo seu potencial educacional, galgando êxito em todas as esferas. O presente trabalho tem como objeto de estudo a educação no pioneirismo cenequista em Monsenhor Hipólito- Piauí, cidade conhecida pela sua potencialidade educacional, onde já galgou grandes êxitos em âmbito Municipal, Estadual e Nacional. Sendo assim, o objetivo geral é compreender o em que esta instituição contribuiu para a atual conjuntura educacional da cidade, visto que foi a primeira iniciativa ginasial. Por conta da difusão educacional atualmente na cidade, buscamos entender como foram criadas as bases.

A escolha pelo estudo em torno da educação na cidade de Monsenhor Hipólito-PI está fundamentada na importância de se entender a História como um campo de possibilidades que pode ser construído e ajuda-nos a compreender o mundo e a nós mesmos, pois, o conhecimento histórico não está pronto e acabado, mas, é uma construção temporal e incompleta que possibilita múltiplas leituras e interpretações.

Para entendermos a trajetória da CNEC, procuramos fazer um estudo historiográfico desta instituição de forma geral e utilizamos obras como: *CNEC: um*

*estudo histórico* (1981), de Ivanildo Coelho de Holanda; *Educação Comunitária: além do Estado e do mercado? A experiência da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade- CNEC* (1985-1998), de Ronalda Barreto da Silva; *História da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade* (1980), de Felipe Tiago Gomes; *A trajetória das escolas da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade- CNEC no Piauí: 1952- 1997*, de João Batista da Silva, dentre outras, forneceram subsídios para compreender a Campanha dentro do contexto histórico- social na segunda metade do século XX.

Temos por base teórica e reflexiva as perspectivas alimentadas pelas produções acima citados, buscando trazer análises e reflexões em torno da trajetória da Campanha dentro do sistema educacional brasileiro e baseando-se nas políticas educacionais, percebendo os múltiplos olhares que se entrecruzam em torno desta problemática. A cerca do que foi exposto, Saviani (2008, p. 03), descreve:

O ofício dos historiadores é lembrar o que os outros esquecem. Talvez seja essa a principal coisa que a pesquisa histórico-educacional tem a nos dizer, mesmo porque os cursos de formação de educadores parecem se mover num “presente contínuo” em decorrência do esquecimento da história. Pelo trabalho historiográfico cabe-nos lembrar aos educadores e a toda sociedade do país aquilo que, embora presente em sua prática cotidiana tende a ser sistematicamente esquecido: que a situação na qual o trabalho educativo se processa, os avanços e recuos, os problemas que os educadores enfrentam são produtos de construção históricas.

Com isso, pode-se dizer que a preocupação com a preservação da memória educativa vai assumir, a partir da configuração da história da educação brasileira como um campo específico de investigação, levantamento, identificação, classificação e catalogação das fontes, proporcionando assim um entendimento mais amplo em torno do processo educacional e suas especificidades dentro de cada recorte estabelecido.

O referencial teórico utilizado será a partir de bibliografias em torno da educação cenicista, história local, oral e também embasado na memória, com o objetivo de entender o processo educacional da CNEC de forma ampla e especificamente analisar o que este ensino proporcionou na cidade de Monsenhor Hipólito-PI.

O ato de escrever é muito complexo, é algo que merece leituras constantes e tempo disponível para analisar e argumentar o que se sabe com as informações

que vão aparecendo no decorrer das leituras, mas é uma prática fundamental para nós expressarmos o que queremos a partir do embasamento que possuímos.

Analisar, criticar, selecionar e argumentar, são partes indissociáveis da leitura, sendo assim, é necessário estar atento e perceber nas pequenas coisas o significado daquilo que se procura e através do embasamento teórico, dialogar as informações para obter um resultado claro e objetivo, tanto para quem faz quanto para o público leitor.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de consultas bibliográficas e através de reminiscências e relatos orais, coletados por meio de entrevistas com aqueles que participaram da implantação da CNEC e que se beneficiaram com a educação básica no Ginásio Cenecista Padre Cícero Romão Batista. De acordo com Paul Thompson, a saber:

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existe entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história [...]. (THOMPSON, 1992, p. 22)

A preferência pela história oral deve-se ao fato da possibilidade de percebermos as transformações, pois, conforme Janotti (1993, p. 17), “é o historiador que comanda o processo de conhecimento ao selecionar depoentes, recortar temas, reescrever, falar e construir interpretações”. A partir disso, é possível colocar, que a história oral pode juntar fragmentos da memória dos atores sociais que participaram diretamente do processo educacional na cidade de Monsenhor Hipólito- PI, ajudando na construção da narrativa histórica.

Para a construção do trabalho, procurou-se fazer uma pesquisa com base na História Oral somada as discussões historiográficas em torno do tema em foco, dessa forma, usamos as memórias dos sujeitos que participaram direto ou indiretamente deste processo levando em conta não só estes sujeitos, mas todo o contexto histórico no qual eles estavam inseridos e a conjuntura social da qual faziam parte.

Essas fontes utilizadas foram de importância relevante para o desenvolvimento do trabalho, pois as mesmas fornecem um aparato muito amplo



para contextualizar com as informações do processo em estudo, no entanto, é necessário ficar atento a todas elas e por conta da história oral ser a mais utilizada neste trabalho, é necessário dar uma atenção especial aos narradores e buscar entender que eles tão narrando algo que aconteceu distante do tempo atual no qual estão inseridos, pois a memória muitas vezes é seletiva, sendo assim, o papel do historiador é colher a informação e a partir daí analisar e argumentar com criticidade para poder redigir o trabalho tendo como base as informações e as teorias em torno desta temática.

Em consonância com a história oral, elaboramos um roteiro de entrevistas de caráter temático, ou seja, segundo Delgado (2006, p.22) “entrevistas que se referem às experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados”, pois sabemos que a história oral tem como suporte as lembranças, resgatando e reconstruindo a partir dela o passado.

Sendo assim, considerando a memória como um campo temático da pesquisa historiográfica, a mesma será utilizada como uma das formas de representação do passado, levando em conta as diversas maneiras de se relacionar com o real, para isso é importante saber que:

Para o historiador que trabalha com a memória, seja por meio dos registros escritos desta, transformada em narrativas de cunho memorialístico, seja pelo recolhimento ao vivo, pela oralidade, das lembranças daquele que rememora, há que levar em conta as múltiplas mediações nesse processo (PESAVENTO, 2004, p. 95).

A escolha dos entrevistados foi guiada pelos objetivos da pesquisa e foram selecionados seguindo o critério de envolvimento que o informante teve com a educação cenequista, visto que, todos os entrevistados foram testemunhas oculares da História. Buscando alcançar um melhor resultado das entrevistas, fez-se a opção pelo uso do tipo de entrevista mesclando os tipos de história de vida e história temática. Sendo fundamental o uso da fonte oral por conta da carência de documentos escritos na cidade.

Com isso, o processo educacional cenequista da cidade de Monsenhor Hipólito na segunda metade do século XX, será analisado por meio da rememoração daqueles que estiveram presentes nesse momento, pois, como analisa Lucília Delgado:

Memória e História, presentes na produção de fontes orais, são também processos cognitivos por meio dos quais, as identidades de sujeitos históricos, individuais e coletivos podem melhor ser reconhecidas e analisadas como integrantes da História. A memória tanto é essencial para a produção de novas fontes históricas quanto para a prática de preservação da documentação já existente, ou seja, da memória retira-se seu caráter espontâneo e transforma-o em fonte para produção de conhecimento intelectual, pois, a História não só enquadra a memória, mas, supõe análise, interpretação e suporte teórico. (DELGADO, 2006)

Desta forma, levaremos em consideração as fronteiras estabelecidas pela História Oral, assim como, aquelas delimitadas pela memória, procurando diante da metodologia de trabalho proposta, relacionar as entrevistas orais com a análise de documentos escritos, buscando alcançar os objetivos desejados na realização do estudo.

Diante disso, procura-se fazer um estudo em torno do sistema educacional local, especificamente, da implantação do ensino ginásial na segunda metade do século XX (1975-1978), através da CNEC, prática que até então era inexistente na cidade. O processo de instalação da educação ginásial será pautado nas reflexões e no resgate historiográfico de reminiscências, no intuito de interpretar este período e como essas experiências passadas influenciaram o tempo presente, pois sabemos que sem estas memórias, o entendimento de tal trajetória torna-se incompreensível.

O presente trabalho encontra-se estruturado em dois capítulos. No primeiro, intitulado: “CNEC: Surgimento, processo de difusão e sua trajetória em torno das transformações na historiografia brasileira.” Fazemos uma apresentação de Monsenhor Hipólito, contando um pouco de sua História para deixar o leitor informado da cidade em estudo e ainda é feita uma discussão teórica em torno desta campanha no Brasil e também vem trazendo uma discussão de sua instalação no Piauí com o objetivo de compreender o processo de surgimento e difusão da Campanha, para que possamos entender sua implantação na cidade específica. No segundo capítulo, identificado como: “ENTRE NARRATIVAS E IMAGENS: Histórias do pioneirismo da CNEC em Monsenhor Hipólito- PI e reminiscências em torno deste processo (1975-1978)” é narrada a história da chegada da CNEC na década de 70, tendo como base o diálogo entre as fotografias e as entrevistas orais realizadas durante a pesquisa, onde trabalhamos o foco do estudo, analisando a presença da CNEC e em que ela contribuiu para a sociedade hipolitana.

Assim, através da pesquisa bibliográfica, do método/técnica da História Oral e de algumas imagens fornecidas pelos depoentes, pretende-se com esta pesquisa contribuir com uma narrativa histórica, privilegiando os relatos dos atores sociais que vivenciaram este período considerado por muitos como pioneiro e fundamental para o desenvolvimento educacional. Dito isto, este trabalho busca narrar este episódio marcante na história do município, contribuindo para a construção da história e da memória da cidade de Monsenhor Hipólito- PI nos anos setenta do século XX.

## **1 CNEC: Surgimento, processo de difusão e sua trajetória em torno das transformações na historiografia brasileira**

A busca de explicações sobre a realidade educacional do território brasileiro vem despertando cada vez mais o interesse de pesquisadores no sentido de analisar a educação em tempos diversos e de formas variadas no Brasil, para que haja uma compreensão mais ampla do fenômeno educacional que se desenvolve nas sociedades e o que diz respeito à História destes fenômenos dentro dos vários contextos no decorrer do tempo, pois sabemos que desde as origens até os dias atuais, a educação brasileira vivenciou momentos de turbulências, de calmas e de avanços em decorrência de modelos políticos engendrados ao longo da História do Brasil. O objeto de estudo é a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - CNEC, instituição de significativa presença na educação brasileira e na política educacional, a mesma assumiu um caráter público e utilizou por muito tempo o mecanismo de embasamento através do tema comunidade, levando-nos a pensar em algo voltado para todos.

Embora tenha sido feito um recorte cronológico pelo período (1975-1978) no intuito de entender o advento da CNEC e sua repercussão pelo estado piauiense e especificamente sua implantação na cidade de Monsenhor Hipólito- PI, tentando analisar este processo a partir da rememoração daqueles que tiveram acesso e formaram a primeira turma ginasial *cenecista* na cidade, tem-se conhecimento de que para conseguir explicar as permanências e as mudanças que ocorrem em qualquer sociedade, faz-se necessário, considerar as forças que movem a história e que, na concepção de Le Goff (1998, p.45), “só se deixam apreender no tempo de longa duração”.

Busca-se aqui analisar o processo de difusão da CNEC, elaborando uma análise a partir do surgimento desta instituição e procurando entender qual era seu projeto, como se repercutiu, os locais onde foi implantada, quem foram os precursores e como esta instituição trouxe benefícios para a educação e conseqüentemente para a sociedade em diversos estados e cidades brasileiras.

A presença de ações filantrópicas na história da humanidade no desejo de resolver problemas que se apresentam e que os governantes não solucionam está intimamente ligada às questões da pobreza que desde os primórdios é agravante e

tomou proporções significativas em vários setores da sociedade, inclusive na área educacional, objeto deste estudo.

Para desenvolvermos esta discussão acerca da participação da sociedade civil nas ações que buscam a solução de questões que atingem a sociedade e o local onde se vive, buscamos dar ênfase na área da educação, pois desde sua colonização, direta ou indiretamente, no Brasil há parceria de elementos ligados do governo e outras instituições de diferentes matrizes políticas e ideológicas.

A partir desta inquietação, busca-se analisar e compreender ao longo do estudo alguns questionamentos, como: quais as transformações ocorridas durante a segunda metade do século XX no Brasil; o que é a CNEC e qual a relevância desta Campanha para a sociedade brasileira, como a CNEC contribuiu para o desenvolvimento da população de Monsenhor Hipólito-PI, bem como, a análise das modificações decorridas com a implantação de um novo sistema na cidade, visto que até então o município não contava com o acesso ao ginásio e que já era um desejo da população por conta de só existir o primário e pelo fato da maioria das pessoas não possuírem condições financeiras para ir buscar ensino em outros locais.

### **1.1 Conhecendo Monsenhor Hipólito- PI**

Como ponto de partida é necessário ter um conhecimento mais específico sobre a cidade em estudo para que com isso se possa entender como se constituiu as bases educacionais da cidade. É importante o estudo de algum tema relacionado à História Local no universo historiográfico pelo fato da aproximação que o historiador tem de seu objeto de estudo, desta forma, o passado é encontrado imediatamente, basta procurar, como afirma Raphael Samuel (1990):

A História local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia mais imediata do passado. Ela é encontrada dobrando a esquina e descendo a rua. Ela pode ouvir seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas no campo. (SAMUEL, 1990, p. 22)

Sendo assim, o conhecimento do ensino *cenecista* será pautado na interpretação do passado em torno dos problemas e conceitos, podendo assim,

surgir no dia-a-dia do estudo fatos que merecem relevância, ou seja, cabe a nós buscar uma reflexão constante em torno da experiência humana acerca de valores, práticas políticas, práticas escolares, religiosas e econômicas de cada povo com o objetivo de compreender a realidade, partindo do princípio que o presente não se explica por si só e que o campo histórico está em interação constante com as estruturas do cotidiano de cada povo.

O estudo da cidade não possibilita apenas a análise do seu lado material, mas abre possibilidades de ser estudada através do meio social, refletindo assim, as relações diárias de seus cidadãos, pois “é materialidade uma vez que ela é pedra, tijolo, ferro, vidro, madeira, cimento, aço, plástico; ela é também sociabilidade, pois é impossível refletir sobre a cidade sem considerar as relações sociais, sem interação.” (PESAVENTO, 2004, p. 08).

Os espaços citadinos preservados, direta ou indiretamente, são identificados como lugares de memória assim como os atores sociais que estão ou estiveram presentes nestes espaços, em decorrência de sua importância para o coletivo social e político, sendo assim, a cidade tem o poder de se fazer notável e de contar a sua História, pois todos os componentes de uma cidade a completam e é a junção destes elementos integrados que formam a cidade e embora se tenha um foco a desvelar é necessário ter um conhecimento breve dos elementos que a compõem.

A cidade de Monsenhor Hipólito-PI nasceu da antiga fazenda Riachão, devido à escassez de água, seu povoamento teve origem em um grande vale, onde a incidência de grandes nascentes além do rio Riachão facilitou o desenvolvimento da agricultura e da criação de gado, práticas presentes até os dias atuais, no entanto, devido às faltas de chuvas, tem-se desenvolvido outro sistema além do rio, pois o mesmo se encontra seco há muitos anos, com exceção em épocas chuvosas, que além de beneficiar a população economicamente serve também como ponto pitoresco de lazer.

Segundo Bezerra (2007, p.176), “O povoado Riachão foi elevado à categoria de cidade em 30 de novembro de 1956 pela lei 1445, sancionada pelo então governador Jacob Gaioso de Almendra que veio participar de sua instalação oficial em 26 de Julho de 1957”.

O então povoado Riachão recebeu um novo Topônimo em homenagem ao filho da terra, Monsenhor João Hipólito Ferreira, que após ser ordenado teve uma grande repercussão religiosa e deixou sua contribuição cristã para os fiéis da cidade.

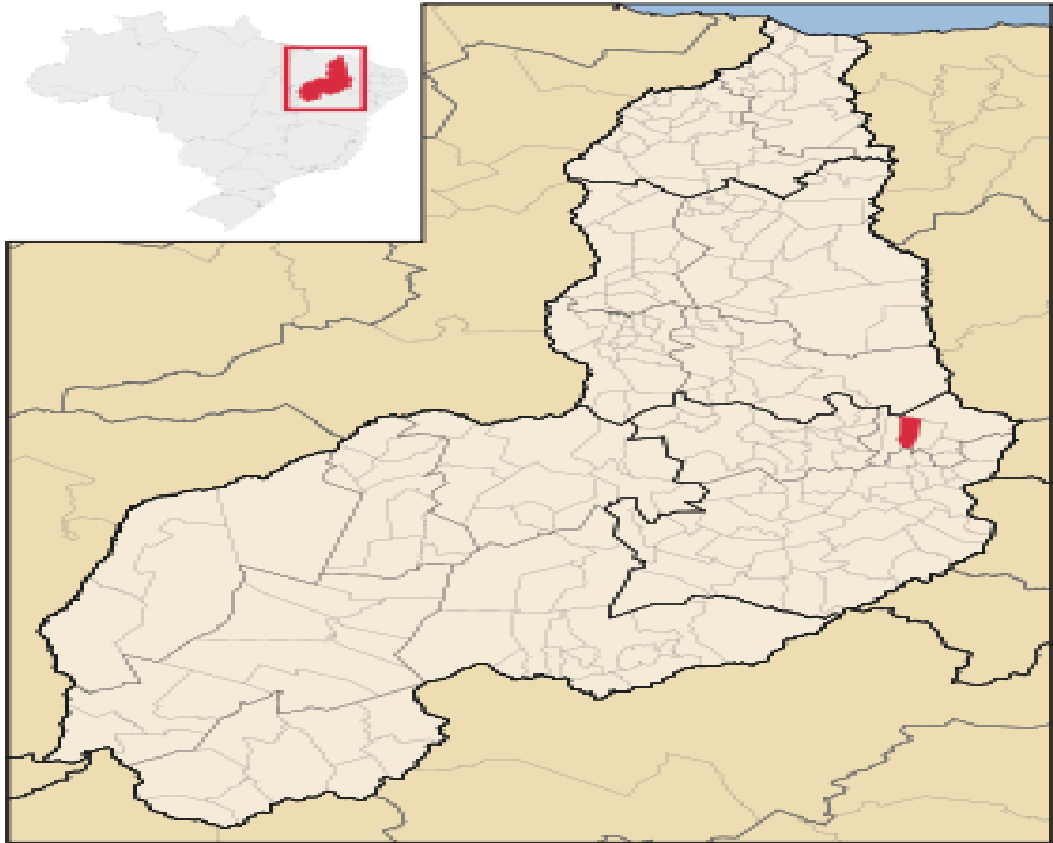
A instalação oficial se deu neste dia por conta do aniversário da padroeira da cidade, Santa Ana. Nesta ocasião, foi nomeado o primeiro prefeito, interinamente, Manoel Bento Rodrigues, homem de grande ascendência e descendência na cidade. A partir desta data foram eleitos os demais prefeitos, vice-prefeitos e câmara de vereadores pelo voto popular, direto e secreto. Antes, o Povoado era jurisdição de Picos, a quem sempre pertenceu até sua emancipação.

O município de Monsenhor Hipólito está localizado no Estado do Piauí, é geograficamente cortado pelo rio Riachão, antigo nome fornecido a cidade antes de sua emancipação Política e, está localizada a uma distância de 70 km da cidade de Picos- PI, o maior entroncamento rodoviário do Nordeste brasileiro. O município de Monsenhor Hipólito limita-se ao norte com Pio IX, ao sul com Campo Grande do Piauí, ao leste com Alagoinha do Piauí e ao oeste com Francisco Santos. Distancia-se da capital do estado em 374 km e 70 km de Picos, cidade com a qual mantém maior intercâmbio comercial. Sua população tem em média 7.000 habitantes e 375 de área.

A área total do município encontra-se distribuída nas seguintes localidades, como afirma Bezerra (2007, p. 187):

Amarelo, Aroeira, Alto de Areia, Altamira, Alazã Velha, Baixões, Barrocas, Baixa Grande, Baixa da Esquerda, Batedor, Cabeceiras, Chapada do Sítio, Chapadinha, Cabeças, Cochicho, Caldeirãozinho, Cafubá, Favela, Goulart, Gronhon, Grotão, Jacarandá, Jatobá, Jurema I e II, Juá, Libório, Lagoa Dantas, Lagoa Comprida, Malhada Bonita, Morrinhos, Maxixe, Mandacaru, Mearim I e II, Malhada Alta, Nova Olinda, Olho D'aguinha, Pé do Morro, Pendanga, Pereiros, Quaresma, Retiro, Sítio, Saco do Mocó, Serra Azul, Saco da Roça Serrinha, Serra da Porta, Serra da Mandioca, Saco da Várzea Grande, Umbiraçu, Umburanas.

Todos estes logradouros são pertencentes à cidade mais fazem parte da aérea rural de Monsenhor Hipólito, os mesmos dependem da cidade para o comércio e a maioria deles para ter acesso à educação, pois não há um número adequado de escolas no interior para atender a demanda populacional. Embora a cidade seja pequena, no âmbito educacional tem galgado muitos destaques e prêmios, por conta disso, partiu o interesse de buscar entender o pioneirismo da educação na cidade e como foram construídas as bases educacionais para a atual conjuntura existente.



**Ilustração 1:** Localização de Monsenhor Hipólito-PI.

**Fonte:** <http://www.google.com.br/imgres?q=imagem+da+localiza%C3%A7%C3%A3o+de+monsenhor+hip%C3%B3lito+pi&hl=pt>. Acesso em: 03 de Junho de 2013

A cidade é situada no semiárido nordestino, por conta disso muito pouco produz no setor industrial, a população tem uma economia baseada no setor primário como reforça Miguel Joaquim Bezerra (2007, p. 195):

Ainda sobrevive só com o que recebe do erário, desenvolvendo uma agricultura de subsistência centrada na produção de feijão, mandioca, milho, caju e até mesmo uma considerável produção de mel e também tem a economia baseada na criação de gado, ovelhas, caprinos, suínos e aves.

Pelo fato do município ser pequeno, desde as origens até os dias atuais, tem uma economia voltada para a subsistência, onde os fatores mais presentes são os que foram acima citados somados ao comércio de variedades local, atividades comerciais voltadas para estabelecimentos varejistas e poucos atacadistas, destacam-se os supermercados, as mercearias, farmácias, armazéns de cereais e atividades do mercado informal.



Na cultura são presentes as festas juninas, Semana Cultural, Semana Cultural da Criança e do Adolescente, Momento Cívico presente nas escolas estaduais, Missa do Vaqueiro comemorada no dia 01 de maio, a dança da Limeira que é uma das principais manifestações folclóricas do município, O Centro de Convivência para o Idoso (CCI) voltado para o lazer dos mesmos e os Festejos de Santa Ana, principal evento religioso e cívico de Monsenhor Hipólito em homenagem a santa padroeira e ao aniversário da cidade, que acontecem no período de 17 a 26 de julho.

Durante os festejos a cidade se enfeita para receber os visitantes das cidades circunvizinhas e seus filhos ausentes. Todos os hipolitanos de uma maneira ou de outra, participa dessa grande festa, oferecida e organizada principalmente pelas autoridades civis e eclesiásticas do município. Os festejos são marcados por uma programação religiosa de 10 dias e organizado pelo núcleo interno da igreja e algumas pessoas da sociedade, no entanto, a maioria dos jovens frequenta no correr do dia são barzinhos e durante a noite participam com mais frequência das festas dançantes, carnaval fora de época e festinhas organizadas por turmas em locais mais afastados da cidade, como: Morro da Cruz, Barragens, Rio Riachão e outros. A religiosidade está mais presente em pessoas de idade mais avançada, ao qual este ritmo esta enraizado nas origens familiares.

A respeito da representação política, a cidade de Monsenhor Hipólito sempre foi administrada por membros de uma só família, a linhagem dos Bezerra, desde sua emancipação que ocorreu em 1957 até o ano de 2012, período em que outro grupo partidário entrou no poder. Por conta disso, entende-se que as relações de poder foram baseada por laços familiares por mais de meio século e que por causa disso o contexto que abrange o meio social e econômico da cidade esteve por muitos anos relacionado a conjuntura política existente devido uma mesma família esta no poder, o que facilita acordos políticos e apadrinhamentos em favor de parentes e conhecidos, algo que é típico de cidade interiorana e pequena, pois desde muito cedo, os grandes coronéis decidiam a política local, sendo essas raízes trincadas na tradição patriarcal brasileira e que por muito tempo definiu as práticas políticas e sociais do Brasil como um todo.

Em cidades pequenas a dependência ainda é bem maior, a troca de favores e a influência exercida pelos grupos partidários é quem comanda os negócios que giram em torno da sociedade e no geral tudo se volta para acordos políticos, ainda

hoje, pois mesmo já tendo o voto livre, em uma comunidade pequena os costumes estão em torno de troca de favores e de apadrinhamentos de familiares e conhecidos. Monsenhor Hipólito desde as origens, quando ainda povoado foi se desencadeando através de uma mesma família e quando passou a ser municipalizada a influência que esta família já desempenhava na cidade fez com que os mesmos permanecessem por vários anos consecutivos no poder, agradando a muitos e a outros não, criando raízes vitalícias para perpetuação de acordos políticos na cidade.

A cidade de Monsenhor Hipólito- PI se destaca em vários segmentos sociais, culturais e econômicos, como: a atividade agrícola, a pecuária, o comércio em geral e, principalmente pelo seu potencial educacional, como ressalva Miguel Bezerra:

[...] não se pode deixar de observar as peculiaridades de relevância que de forma positiva primam pelo seu progresso: a educação em Monsenhor Hipólito sempre teve posição de destaque. Os concludentes de sua rede de ensino público tem ostentado uma posição de destaque, em âmbito nacional. Isso é louvável e se presta como prova bastante e cabal de qualidade. (BEZERRA, 2007, p. 197).

Sabendo desta potencialidade, o estudo em foco nasceu de uma possibilidade para a construção da História da Educação do município abordado, visando contribuir para um melhor conhecimento a cerca do papel desempenhado pela CNEC e do Grupo Ginásial durante a segunda metade do século XX, quando o ensino ainda era de difícil acesso por conta das condições financeiras e também não tinha ensino ginásial na cidade, a população só tinha acesso ao ensino primário que abrange o que hoje conhecemos como Ensino Fundamental menor, por conta disso, surgiu o interesse de entender o pioneirismo ginásial na cidade, em que e para quem contribuiu este ensino.

O processo de instalação do ginásio *cenecista* é pautado nas reflexões em volto de reminiscências com o intuito de decifrar este período, assim como essas experiências passadas influenciam o tempo presente, pois, é através destas memórias que se pode obter um maior entendimento a respeito desta trajetória.

Deste modo, a história da educação hipolitana será lembrada por meio de relatos orais que não foi esquecida na memória daqueles que fizeram parte desse momento imprescindível para o desenvolvimento educacional do município, obtendo assim, a possibilidade de entender os interesses e os jogos de poder que estavam

por trás desta instituição e dos governantes, trazendo uma discussão em torno deste sistema que teve uma repercussão por todo o estado brasileiro.

## 1.2 Trajetória da CNEC Nacional

Devido o trabalho ser desenvolvido em torno da CNEC no intuito de conhecer sua instalação na cidade de Monsenhor Hipólito- Piauí e as repercussões ocorridas no município com a implantação da mesma, tanto na formação educacional quanto na social, analisando as transformações ocorridas, tendo em vista que, até então, a educação ainda era privilégio de poucos e bastante informal, faz-se necessário uma retrospectiva histórica em torno desta instituição em volta do estado brasileiro e no Piauí para que possamos nos debruçar de fato na Campanha em Monsenhor Hipólito.

Quando do surgimento da CNEC na década de 1940, sabe-se que não havia muitas escolas e nem mesmo uma qualidade adequada para atender a demanda populacional, por conta das condições da população, algo bastante explícito no exposto abaixo:

Dado o pauperismo da população e a predominância das escolas particulares sobre as públicas, foi fácil concluir-se, que aqueles de menor poder aquisitivo ficaram excluídos da escola média de qualquer tipo, profissionalizante ou acadêmica. A escola paga não era aberta a todos. O proletariado e as camadas de baixo poder aquisitivo, cujas condições de vida, em todo o Brasil, eram as mais precárias possíveis, mal conseguiam ter o necessário para atender as exigências mais imediatas de manutenção. Pagar escola era coisa que estava inteiramente fora do seu alcance, bem como de grande parte da própria classe intermediária. (HOLANDA, 1981, p. 26)

Diante da conjuntura exposta, é importante trazer que foi nesse contexto que surgiu o movimento por algo de acesso a população como um todo, impulsionado pelo idealizador e posteriormente um dos principais membros da CNEC, Felipe Tiago Gomes, que buscou apoio dos jovens estudantes, da sociedade e governantes locais para desenvolver este projeto que desencadeou no ano de 1943 na cidade de Recife- PE e posteriormente se ampliou por território nacional.

A CNEC possui características diversas de acordo com os vários contextos históricos- sociais ao longo do tempo e também dos locais que foi instalada, mas de fato, esta instituição sempre buscou atender a política educacional posta pelo

Estado e assumiu por muito tempo o discurso em torno do tema comunidade, no entanto, esta instituição se constituiu historicamente em uma via de privatização do próprio Estado brasileiro e teve sua base formada por meio de recursos advindos dos poderes públicos.

Do ponto de vista comunitário, este processo se revela antielitista, sem exclusão social, mas isso pode ser visto contraditoriamente, pois este sistema se mostrou excludente por muito tempo na medida em que segregou a ideia de direitos sociais que deve ser garantidos e ofertados pelo Estado justamente por conta que esses discursos comunitários criam muitas expectativas na população em volto da resolução dos problemas vigentes na sociedade, mas que na realidade apenas ameniza e não propriamente soluciona, pois a solução deve vir do Governo e não de ações comunitárias.

O século XX foi marcado por transformações inovadoras e também por grandes desastres pelo mundo todo e, nesse contraste, “a educação também sofreu grandes prejuízos, mais também ganhou alguns benefícios” (ARANHA, 2006, p.21), afinal, educação e desenvolvimento são processos indissociáveis.

A educação entra em debate, antes nunca visto, tendo como pano de fundo o anteprojeto da LDB que levou treze anos para se transformar em lei, passando pelos inúmeros movimentos populares que foram violentamente reprimidos pelo advento do golpe militar, no entanto, é inegável a importância, bem como, a fecundidade da reflexão que desencadearam até hoje a respeito da nossa cultura. (ARANHA, 2006, p.21)

A educação é um componente fundamental da cultura de todas as sociedades e sofre alterações de acordo com as necessidades de cada local, deste modo,

[...] tem sua história que é a história da mudança e do desenvolvimento que a educação tem experimentado através do tempo e dos diversos povos e épocas. Por outro lado, como a educação é parte da cultura e esta também está condicionada historicamente, variando segundo as características dos povos e das épocas, a história da educação é também parte da história da cultura e estuda suas relações com a ação educativa. (LUZURIAGA, 1990, p. 02).

Ao lado do tardio surgimento de uma concepção mais universalista do direito a educação nos textos constitucionais, a dinâmica de expansão da escolarização obrigatória foi freada até a década de 1960 por mecanismos seletistas nas

instituições escolares, e que por muito tempo o ensino público esteve ausente, tendo sempre a presença marcante do privado no processo educacional, havendo assim, uma defasagem entre os princípios igualitários presentes nas leis e a realidade de exclusão e desigualdades que assolam o sistema educacional desde suas origens.

O decorrer dos anos 70 deixou tristes registros na História brasileira, mas também foi um período de resistência e construção das bases para a redemocratização do País. Este período delineou um processo de lutas intensas em todos os aspectos e com a educação não foi diferente, pois muitas foram as manifestações que se fizeram presentes em prol de transformações no âmbito da sociedade.

Embora se tenha consciência que as lutas pela educação sejam antigas, sabe-se que muitas vezes a sociedade vanda os olhos diante dos acontecimentos, no entanto, deve-se colocar que a participação da sociedade civil nos movimentos pela educação não deve ser para substituir o papel do Estado, mas para exigir que se faça cumprir seu papel e dever, propiciando os recursos básicos com qualidade para todos.

Assim, como diz Melo (2006, p. 34), “A ideia de educação como fator de democratização da sociedade e de acesso ao saber sistematizado na perspectiva teórica e metodológica ficou muito mais nas promessas de plataformas políticas do que em ações concretas”.

Os discursos democráticos sempre estiveram presentes na sociedade brasileira mais a prática é distorcida, pois sabemos que a exclusão esteve presente por muito tempo no sistema de ensino e que deixou raízes trincadas até os dias de hoje, portanto, foi e ainda é um ideário de difícil alcance.

Julga-se fácil trabalhar com a educação devido à mesma fazer parte do dia-a-dia das pessoas, porém, é esquecido que a educação não possui um modelo padrão e deve ser analisada nas suas diferentes faces, analisando as diversas conjunturas e manifestações existentes.



**Ilustração 2:** Felipe Tiago Gomes- Fundador da CNEC Nacional.

**Fonte:** <http://castroalvesmbc.blogspot.com.br/2012/10/69-anos>. Acesso em: 03 de Junho de 2013

Dentre as preocupações e interesses dos jovens que buscaram transformações na sociedade através deste processo comunitário, nas palavras de Gomes, estavam as seguintes:

A falta de instrução no Brasil é um fato. É uma coisa que, para resolvê-la, carecemos de muitos sacrifícios. Para o nosso País só há um remédio- a fundação de ginásios populares em todo o território nacional. Se o ensino fosse mais barato, haveria mais proveito. E mais proveito seria para o Brasil se houvesse lugar para os rapazes pobres estudarem. Mas a ideia de ginásios gratuitos esta lançada. Temos a melhor boa vontade. Apenas nos falta mais um pouco de apoio. Esse apoio que não deveríamos procurar que deveria, naturalmente, e é claro, vir ao nosso encontro, como estímulo. (GOMES, 1980, p. 37).

Posto isso, o intento primordial destes idealizadores era ofertar ensino gratuito para toda a população carente e necessitada de um maior grau de instrução, sendo assim, a criação da CNEC foi posta como uma alternativa educacional com o objetivo de minimizar as dificuldades dos menos abastados e que assim poderiam ter acesso a um ensino de qualidade, preocupação bem presente em meados do século XX e de certa forma, foi uma maneira que estes jovens encontraram para confrontar com o poder público e exigir aquilo que é direito de todos e dever do Estado oferecer.

Logo após o reconhecimento oficial da instituição, a CNEC começou a se expandir para os demais estados brasileiros, que também passavam pelos mesmos problemas dos pernambucanos tendo em vista que em cada estado esta instituição teve suas especificidades.

A Campanha no Piauí foi organizada e estruturada de acordo com a CNEC nacional, pois no Estado, as escolas da instituição não pertenciam ao setor público e nem ao setor privado, foi uma junção dos dois campos, mas se caracterizou e se denominou como comunitária e, segundo Silva (2010), a CNEC no Piauí se fez presente em mais de oitenta municípios num universo de um pouco mais de cem, entre as décadas de 1950 e 1990.

No Estado como um todo a CNEC ofertou ensino desde o ensino infantil até o ensino médio, na cidade específica do estudo, Monsenhor Hipólito-PI, foi ofertado o ensino ginásial, pois era a carência mais presente visto que até a chegada da CNEC o ginásio era inexistente. Por conta de ser um assunto pouco explorado na historiografia, busca-se analisar neste estudo, além da trajetória desta Campanha, um dos municípios piauienses que esta instituição se fez presente com o objetivo de fornecer subsídios e possíveis indagações que possibilitarão novas pesquisas em volta desta temática.

Por conta do que foi posto, a análise da trajetória da CNEC como um todo é fundamental para entender a intervenção estatal e compreender suas bases para que assim se possa ter um estudo mais claro em torno de sua instalação no Piauí e o modelo que foi implantado no estado, especificamente, na cidade de Monsenhor Hipólito- PI que é foco deste estudo, pois se faz necessário o entendimento da CNEC como um todo para que possamos entender sua instalação em um dos municípios piauienses e de fato compreender o que esta instituição proporcionou em âmbito educacional e social em uma cidade específica.

É importante trazer que de fato foi através desta iniciativa que as escolas da Campanha se expandiram por diversos estados e municípios e que colaborou para a formação de inúmeras pessoas que não tinham ou mesmo não tiveram acesso à educação antes da CNEC, mas, é necessário pensar como se deu este acesso e quais influências dos governantes por trás deste processo estão enraizadas dentro desta instituição.

No momento em que a sociedade brasileira esteve marcada pelo advento do regime, a escola serviu como um aparelho de reprodução da ideologia política

presente com o objetivo de perpetuar as relações capitalistas, no entanto, foi neste período que a educação popular foi oposta e criticista com relação a dominação por parte das classes dominantes, favorecendo assim, a proliferação de movimentos gestados na sociedade e muitos deles foram se baseando no tema comunidade e que de certa maneira enfraqueceu o âmbito educacional por conta dos movimentos ter enfraquecido de fato as lutas por escolas propriamente públicas e de direito de todo cidadão. A partir disto, faz-se necessário entender o discurso e conceito de Comunidade, que segundo Ronalda Silva:

O conceito de comunidade, empregado por muitos pensadores não só do século XIX, mas também do século XX, abrange todas as formas de relacionamentos caracterizadas por um grau elevado de intimidade pessoal, profundidade emocional, engajamento moral, coerção social e continuidade no tempo. (SILVA, 2001. p.28).

A referida autora vai defender nesta passagem que a comunidade é fundamentada no homem em sua totalidade e que não se deve separar o papel social de cada ser humano por conta da ordem social ao qual está inserido, pois todos têm direitos iguais.

Segundo Silva (2001, p.33), “o tema da comunidade é recorrente no discurso governamental brasileiro, desde a década de 40, manifestando-se concretamente na política educacional através da adoção de Campanhas de educação”. Essas campanhas que foram surgindo, com o passar dos anos foram se tornando cada vez mais presentes no estado brasileiro com o discurso de serem voltadas para a integração da população ao desenvolvimento econômico do país através da educação com o propósito de desenvolver as comunidades mais carentes.

Em 1965, a ONU (Organização das Nações Unidas) institucionaliza o DC (Desenvolvimento de Comunidade) e define-o como:

[...] processo através do qual os esforços do próprio povo se unem aos das autoridades governamentais, com o fim de melhorar as condições econômicas, sociais e culturais das comunidades, integrar essas comunidades na vida nacional e capacitá-las a contribuir plenamente para o progresso do País. (SILVA, 2001. p.32).

Esse discurso foi bastante presente na política desenvolvimentista do Brasil com o intento de integrar a sociedade no ritmo de governo presente e tornar sua política eficaz diante das necessidades dos receptores, a fim de promover uma



reforma social em prol do crescimento e progresso vigente, desta forma, a realidade social é posta no contraste da ideologia das classes dominantes que manipula as menos favorecidas, sendo que foram essas pessoas que lutaram em prol de mudanças, como é citado abaixo:

As associações e movimentos comunitários tiveram uma fase de grande expansão na década de 70. Nessa fase, a característica marcante é a presença de lutas específicas e localizadas, mobilizadoras e agregadoras de vários setores de oposição ao regime militar. (SILVA, 2001. p.42).

A partir disto, pode-se colocar que os projetos comunitários visavam à construção de uma sociedade mais igualitária e lutavam pela autonomia dos movimentos fora do âmbito estatal, gerando assim, novas formas de relações sociais.

As teorias comunitárias se fundamentam em propostas humanitárias, filantrópicas e solidárias com o objetivo de defender os direitos humanos e sociais e se auto definem sem fins lucrativos, no entanto, muitos desses discursos ficaram apenas na teoria, pois na prática os que mais se beneficiaram foram aqueles que já possuíam alguma ascensão social e não propriamente os que eram membros das comunidades, ou seja, o aumento de investimentos privados na questão social está mais ligado a um modelo político e econômico de organizações das forças produtivas do que simplesmente a aspectos de solidariedade pelos indivíduos menos abastado, algo bem visível no exposto abaixo:

O discurso do comunitarismo é bastante sedutor, na medida em que, por um lado, pode ajudar a salvaguardar grupos discriminados e a fortalecer o valor da pessoa humana. Entretanto, por outro lado, pode reforçar forças conservadoras e integralistas, ressuscitando nacionalismos, fundamentalismos, formas arcaicas de vida e projetos de “moral cívica” e assegurando seus interesses econômicos e políticos. (SILVA, 2001. p.44).

Segundo Saviani (1997), um ponto comum entre as iniciativas de política educacional é o empenho em reduzir custos, encargos e investimentos públicos, buscando ou transferi-los para a iniciativa privada e para as organizações não governamentais, ou, pelo menos dividi-los na propaganda em forma de parceria. Posto isso, o autor vai analisar a nova LDB e afirmar que:

(...) A impressão que fica é que a solução das questões educacionais, em lugar de dever do Estado como esta escrita em nossa Constituição, esta afeta a boa vontade da população, sugerindo um regresso à época em que a educação, ao invés de responsabilidade pública, era considerada assunto da alçada da filantropia. (SAVIANI, 1997, p.201).

Mais uma vez aqui é reforçada a ideia que ressalta que a existência de serviços de educação organizados pelas comunidades retira a responsabilidade do Estado e delega à população a solução de seus problemas, ou seja, o Estado reduz sua participação central com o financiamento dos serviços educacionais e transfere as responsabilidades para comunidades e empresas que estão ligadas ao próprio Governo estatal, com relação à forma de financiamento dessas instituições comunitárias, Silva afirma:

No fornecimento privado com financiamento público, é delegado o fornecimento dos serviços educacionais para indivíduos, grupos ou entidades privadas, mantendo o financiamento público, isso não significa afastamento do Estado, mas participação do aparelho governamental privatizado, que opera em benefícios de grupos e corporações que passam a controlar o campo educacional. (SILVA, 2001, p.94).

De sua fundação até a concretização da rede CNEC, esta instituição possuiu algumas nomenclaturas de acordo com cada período que foi se desenvolvendo e com a conjuntura política e social vigente. Logo quando surgiu em Recife- PE na década de 1940 recebeu a denominação de Campanha do Ginasiano Pobre (CGP) com o objetivo de ofertar educação para aqueles que não tiveram acesso e que não puderam dar continuidades aos estudos, mas, essa fase foi a mais breve, dando apenas o impulso inicial da Campanha que logo deu continuidade com a segunda fase da trajetória, essa foi mais duradoura e durou mais de vinte anos, ficou denominada com o nome de Campanha Nacional de Educandários Gratuitos- (CNEG), a partir de então houve expansão da instituição para outros Estados da Federação e passa a ter uma franca aproximação com o poder Público, em relação à CNEG, o autor Gomes (1989) vai dizer:

A denominação da Campanha, nesse ano de 1946, foi primeiro modificada para Campanha de Ginásios Populares e, pouco depois, para Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, alegando-se que a palavra “popular” era identificada com o Partido Comunista,

então na legalidade. Os dirigentes da CNEG preferiram evitar tal identificação. (GOMES, 1989, p. 52-3).

Segundo Silva (2001, p.103), esta fase entende-se desde o fim do Estado Novo até os quatro primeiros anos de governo militar. Inicia-se num contexto marcado por um golpe de Estado que resultou na deposição de Getúlio Vargas e na eleição do Gal. Eurico Gaspar Dutra.

Foi nesta fase que se fez mais presente o apoio financeiro do Estado e a expansão da Campanha, baseando-se no discurso voltado para o povo, mas, era necessário que a população participasse e se mobilizasse em prol da criação de oportunidades para ter acesso à educação, ou seja, a presença da Campanha, embora tendo o apoio do Estado, se deu em virtude da “ausência” do próprio Estado no oferecimento de escolas públicas, pois na maioria das localidades onde esta instituição se instalou não havia Ginásio Público.

Com relação à participação do Estado, Silva (2001) vai ressaltar que foi no Governo de Juscelino Kubistchek que houve de fato uma ampliação efetiva da Campanha por conta dos investimentos do então Presidente e segundo a autora:

A participação do Estado aumentou bastante após a nomeação do Presidente Juscelino Kubistchek, havendo maior expansão da instituição diante da política de incentivo a iniciativa privada, também na educação, é perfeitamente compreensível que a maior extensão da Campanha se dê nesse Governo. O número de alunos sobe de 9 433 em 1956 para 31 371 em 1960 e o número de escolas sobe de 107 para 373, no mesmo período. (SILVA, 2001, p. 111)

Por conta do amplo crescimento e difusão da Campanha pelos Estados brasileiros, a contribuição principal do governo de JK, além do investimento na ampliação da rede, foi ofertar a construção de prédios para as escolas, pois na maioria dos locais que foi implantada o local das aulas foi improvisado em algo cedido por alguém importante da Comunidade, pois segundo Silva (2001, p. 112) “No que concerne a organização da Campanha, ela mantém, desde essa época, a mesma estrutura básica até os nossos dias, ou seja, possui órgãos de direção, administração, fiscalização e consulta em âmbito local, estadual e nacional”.

A partir deste período, o discurso desenvolvimentista passa a se fazer bastante presente por intermédio do Estado, trazendo que é necessária a participação da população nesse empreendimento de desenvolvimento acelerado

para que os níveis de vida pudessem ter melhorias e, com a Campanha não foi deferente, nesse momento ela passa a manifestar a preocupação com a formação de mão- de- obra e a necessidade de oferecer cursos técnicos além dos formais, como é mostrado por Gomes:

Até 1955, só havíamos aberto ginásios do tipo acadêmico. As condições devidas do nosso povo e em especial da massa humana, que era trabalhada pela Campanha, aconselhavam- nos a tomar outro rumo: a criação de cursos técnicos, que visassem a formação de elementos que se integrem facilmente ao seu meio, melhorando- o técnica e culturalmente e tornando- se candidatos a empregos certos no próprio ambiente local. (GOMES, 1989, p.112).

Essa política tem o discurso voltado para a melhoria de vida das populações menos favorecidas, mas, as atividades que foram se desenvolvendo a partir da Campanha atendia muito mais as perspectivas veiculadas ao que era colocado pelo Estado do que propriamente aos interesses dos menos abastados, pois a expansão da Campanha dependia do financiamento estatal, com isso, pode- se perceber claramente a contradição entre o discurso comunitário e sua estrutura organizacional, onde a administração é imposta pelo e para quem o Estado oferece e não pela comunidade e membros locais, o que atenderia ao que é posto pelo espírito comunitário tão presente nos discursos da Campanha e que de fato seria o correto.

Segundo Silva (2001), no período de 1965-1967, a instituição demonstra preocupação em responsabilizar as comunidades pela manutenção das suas escolas, como deixa explícito Holanda:

As contribuições comunitárias são institucionalizadas e regulares. Sendo representadas pelas mensalidades dos sócios, que são geralmente os alunos ou responsáveis, as quais se destinam basicamente, à manutenção da escola. Mas há também, donativos resultados de Campanhas que são eventuais, geralmente canalizados para a construção. Acrescentam-se a isto as contribuições em serviços, isto é, a mão- de- obra gratuita que não se acha quantificada nas informações. (HOLANDA, 1981, p.114).

Desde a fundação da Campanha, a Comunidade sempre teve uma participação concreta por meio de contribuição financeira e donativos, deixando claro que esta instituição nunca ofereceu educação gratuitamente, pois todos que tiveram acesso ao ensino contribuíam com mensalidades escolares, até mesmo os

mais carentes e quando havia distribuição de bolsas de estudo, eram cobertas por doações ou parcerias com outras empresas que também mantinham sociedade com o Estado.

Aqui mais uma vez se faz presente a diferença entre o discurso comunitário e a prática posta pela Campanha, sendo assim, este aspecto limita a definição de comunitarismo tão ligado a CNEC, tendo em vista que para nós, a cobrança de mensalidades caracteriza o setor privado e é muito diferente e até mesmo incompatível com a ideia de caridade e humanitário.

Em 1969 foram tomadas algumas decisões relativas ao aspecto político pedagógico da Campanha, com o objetivo de ofertar educação voltada para o trabalho e no intuito de mudar a denominação da entidade, essas decisões, segundo Silva (2001, p. 124) “vinculam-se a política educacional do período, a qual dá ênfase à formação para o trabalho, o que vai prevalecer na reforma educacional preconizada na lei 5 692 de 1971”.

Na fase da Campanha iniciada em 1970, a entidade recebe uma nova nomenclatura, passa a se chamar Campanha Nacional de Escolas da Comunidade-CNEC, e a autora Ronalda Silva vêm reafirmar o que já foi exposto há pouco:

Nessa fase, que se inicia no ano de 1970, a Campanha vai manifestar, de forma mais evidente e elaborada, a fundamentação das suas atividades no tema da comunidade e uma maior diversificação, ambas relacionadas com a formação para o trabalho, na perspectiva da política governamental implementada no período. O tema da comunidade estará presente, também na sua denominação, que passará a ser Campanha Nacional de Escolas da Comunidade- CNEC. (SILVA, 2001, p.125).

A partir do que foi exposto pode-se colocar que o intuito da CNEC era atender as propostas da política educacional trazida pelo regime militar, com o objetivo de integrar e desenvolver a produção nas localidades com populações de baixa renda, buscando atender a política desenvolvimentista do Estado que já tinha uma preocupação especial com essas áreas mais necessitadas por conta das possíveis tensões sociais, tensões estas que se manifestaram de formas diferentes, como coloca Silva (2001, p. 127) “Não foi apenas a ausência do Estado que possibilitou a expansão da entidade, ainda que este seja o fator preponderante. O fisiologismo político chegava a interferir na autonomia dos setores e seções Estaduais”, sendo assim, as disputas políticas locais em busca da presidência da

instituição ou mesmo pelas verbas se deram em muitos locais onde a Campanha se instalou, pois era uma forma de adquirir lucros mais fáceis pelo fato de vir recursos de várias partes, inclusive da própria comunidade.

A partir da década de 1980 foi presente a busca por alternativas concretas com o intento de atingir a auto suficiência financeira e objetivando a diversificação das atividades realizadas pela Campanha, evidenciando assim, a necessidade de reorientar a sua atuação por meio de algumas propostas como afirma SILVA (2001, p.134) “a CNEC deveria assumir um papel mais dinâmico, versátil, mais comunitário, atuando no campo da educação, saúde, alimentação, serviços, artesanato, asilos, creches, na política, ao invés de atuar na escola formal”.

A Campanha Nacional de Escolas da Comunidade- CNEC acompanhou as modificações ocorridas na política educacional posta pelo Estado de acordo com a conjuntura política e econômica que o Brasil estava passando durante todas as fases de expansão da instituição imbuída na perspectiva do assistencialismo social, pois é dentro deste processo que o Estado transfere sua responsabilidade para uma iniciativa privada, beneficiando grupos restritos que passam a controlar o campo educacional, com o objetivo de reduzir gastos e investimentos no setor público.

Cabe aqui ressaltar que o discurso envolto do comunitarismo e as próprias ações promovidas por essas instituições podem trazer benefícios e de fato já trouxe para grupos menos favorecidos, mas, ao mesmo tempo reforça o poder de forças conservadoras e assegura os interesses econômicos e políticos destes “beneficiados”, onde muitos fazem uso destes discursos comunitários com o intento de barrar disputas políticas por parte das classes de baixa renda do que propriamente com o objetivo de integrar a sociedade que está à margem e necessita de serviços básicos que não necessitava ser reivindicados, pois é direito de todos.

Segundo Silva (2001, p.180) “A CNEC constituiu- se historicamente num braço do Estado, acompanhando as transformações efetuadas na política educacional brasileira em diversas conjunturas”. Como já foi exposto no decorrer do trabalho, a CNEC assumiu o papel do Estado enquanto o mesmo não assumiu seu caráter privatista e se beneficiou de recursos advindos de vários setores, inclusive das Comunidades, e por um longo período de tempo esteve presente nesta instituição a questão comunitária, baseando-se na oferta de educação sem fins lucrativos, objetivando assim, a manutenção dos privilégios adquiridos pelo Poder Público, principalmente os recursos financeiros que a legislação educacional permite

reivindicar, mas, devido as mudanças que foram ocorrendo na conjuntura do País, chegou ao ponto em que esta instituição não pode mais se autodenominar de pública e teve que assumir seu caráter privado, o que não é foco deste estudo mais que pode ser aprofundado por outros que se interessem por este novo processo assumido pela Campanha.

A partir do que foi colocado no decorrer do trabalho, pudemos compreender que a CNEC atuou e reforçou a estratégia de descentralização da educação tendo a sua política educacional definida pelo seu discurso comunitário em acordo com o papel do Estado, e que segundo Silva (2001) esta questão é algo que deve ser discutido, como já foi visto, e para reforçar este pensamento a autora vai colocar que:

*A partir da definição da escola comunitária na LDB: são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas, inclusive cooperativas de professores e alunos que incluam na sua entidade mantenedora representantes da comunidade. Essa representação de pessoas da comunidade é deturpada, na medida em que a participação não é de pessoas atentas aos interesses da comunidade, mas, em geral, as que comungam com os interesses dos grupos que dirigem a instituição. Além do mais, podemos afirmar que os dirigentes da instituição formam um grupo privado, com permanência, muitas vezes, vitalício. [grifo nosso] (SILVA, 2001, p.184).*

### **1.3 Breve Histórico da CNEC no Piauí**

Faz-se necessário enfatizar o aspecto social, político e educacional do Estado para que possamos perceber a contribuição da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade-CNEC no desenvolvimento do Piauí, a saber, que:

No ano em que a CNEC chegou ao Piauí, na época como o nome de Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, havia no Piauí apenas 49 municípios. A população era predominantemente rural, sendo a vida social e econômica predominantemente rural de onde as famílias tiravam seu sustento e ajudavam a fomentar o comércio das poucas vilas e cidades existentes. (SILVA, 2010, p.36)

Por um longo período de tempo, a vida social do Estado do Piauí girou em volta da zona rural, tanto na moradia quanto no sustento econômico e até mesmo os núcleos urbanos mais avançados eram dependentes da comercialização do que vinha do campo, principalmente dos produtos agrícolas e da pecuária, principais

produtos de subsistência e exportação, e que estão presente até os nossos dias em especial nas cidades interioranas.

Dentro do contexto exposto, segundo João Silva:

A educação foi aos poucos se tornando um ponto de atração da população que para as vilas e cidades convergia em busca de educação para os filhos. Nelas havia tanto escolas públicas, quanto particulares (externas), ainda com pouca procura, devido a característica da economia da época, preferindo as famílias iniciar os filhos logo na agricultura de subsistência, o que daria retorno imediato ao sustento da família, vendo a educação como um futuro distante a ser almejado, ficando assim, a educação reservada às famílias mais abastadas. (SILVA, 2010, p.37)

A educação não era vista como necessária para o crescimento da família até as primeiras décadas do século XX, pois neste período o pensamento era voltado apenas para a produção de subsistência, ficando a instrução apenas para as classes abastadas e com pensamentos mais evoluídos.

Somente a partir da década de 1940 começou o interesse tanto das comunidades quanto dos governantes pela instalação de Ginásios, que segundo Silva (2010, p.37), “são estabelecimentos de ensino secundário destinado a ministrar o curso de primeiro ciclo, curso este correspondente às quatro primeiras séries do então ensino secundário”, pois, havia uma precariedade imensa na falta instrução mais elevada.

A primeira escola da rede *cenecista* foi instalada em Jaicós entre os anos de 1952 e 1958 e segundo Silva (2010, p.40), “durante esses anos a CNEC se resumiu apenas a este Ginásio no Piauí”. Esta entidade de ensino chegou ao Piauí por intermédio do então Deputado Estadual, Alberto Bessa Luz. O fato de ter sido Jaicós e não outra cidade se deu por conta dos interesses políticos do responsável pela implantação da CNEC, que além de lhe favorecer iria dar uma maior ênfase na sua carreira política por conta de ter sido considerado um “herói” por aqueles mais necessitados do sertão nordestino e que a partir da ação do então Deputado, puderam ter acesso à educação.

Dom Avelar Brandão Vilela, esteve à frente da CNEC-PI por mais de dez anos consecutivos e a partir de sua supervisão foi que a instituição passou a se expandir para outros Estados. Logo quando começou sua administração, segundo SILVA (2010, p.46), “instalou o segundo setor local na cidade de Teresina e



consequentemente criou o segundo Ginásio *Cenecista*, o ginásio Popular de Teresina, que logo passou a ser construído em terreno doado pelo próprio Dom Avelar”.



**Ilustração 3:** Dom Avelar - Primeiro Administrador da CNEC-PI.

**Fonte:** <http://www.google.com.br/imgres?q=foto+DE+Dom+Avelar+cneec>. Acesso em: 03 de Junho de 2013.

Em 1960, Dom Avelar instalou mais três ginásios no interior do Piauí: “O ginásio *“Filipino Osano”* em Pedro II; O *“Marcos Parente”* em Canto do Buriti e, o *“Nossa Senhora de Fátima”* em Fronteiras” (SILVA, 2010, p.47). Por conta de o Estado vir dando os primeiros passos para a expansão da educação por meio da Campanha, Dom Avelar decidiu pela nomeação de outro administrador para lhe ajudar nas partes burocráticas e também de supervisão.

Como novo administrador da CNEC-PI foi nomeado o então Prof. Roberto Freitas e o mesmo, segundo Silva (2010, p.50) “transferiu a sede da CNEC para um cômodo de sua própria residência, que antes ficava acomodada junto a outros órgãos nas dependências do Palácio Episcopal”. Foi a partir desta união, que deu certo, e do apoio do Estado que as escolas da Campanha cresceram e se expandiram mais rápido. Com relação à expansão da CNEC-PI pode-se constatar:

No ano de 1962, foram mais duas escolas: O ginásio *“Messias Filho”* em Batalha e o ginásio *“Isaías Coelho”* em Simplício Mendes. No ano seguinte, foram criados mais cinco setores em Amarante, São Pedro do Piauí, Água Branca, Luzilândia e Palmeirais, com seus respectivos Ginásios: *“Costa e Silva”*, *“João XXIII”*, *“Dom Severino”*, *“Luzilandense”* e o *“Nossa Senhora da Conceição”*. Em 1964, foram criados os setores de Inhuma e Elesbão Veloso e consequentemente

os seus respectivos ginásios: “*Inhumense*” e o “*Monsenhor Cícero Portela*”. (SILVA, 2010, p. 50)

Acreditamos que todo este processo de expansão tenha se dado pela aceitação e confiança depositada pela população piauiense aos ideais propostos pela Campanha, além da presença do Estado que foi bem significativa nas ações propostas pela CNEC e também pela necessidade que a população tinha de poder ter acesso ao ensino.

Segundo Silva (2010, p.51) “nem mesmo o advento do Golpe Militar de 1964 interrompeu o ritmo de expansão da CNEC, que só deu uma pausa, em 1970 seguido dos anos de 1971 e 1972, não sendo fundado nenhum estabelecimento de ensino neste período”. Na década de 1960 a Campanha foi crescendo de forma gradativa, algo bastante notável no fragmento abaixo:

Em 1965, a CNEC se expandiu na ação com a criação de escolas em Agricolândia com ginásio “*Cromwell de Carvalho*”, em Angical com o ginásio “*Presidente Kennedy*” e em Anísio de Abreu com o ginásio “*Miguel Arcoverde*”. Já no ano de 1966, a CNEC se fez presente no maior número de municípios, até então, num só ano, num total de sete: Simões e o ginásio “*Paiva Lima*”; Castelo do Piauí e o ginásio “*Castelense*”; Jerumenha e o ginásio “*Manuel Afonso Ferreira*”; Ipiranga e o ginásio “*Ipiranguense*”; Santo Inácio do Piauí e o ginásio “*Santo Inácio de Loyola*”; Várzea Grande e ginásio “*08 de dezembro*” e, Pimenteiras com o ginásio “*Pimenteirense*”. (SILVA, 2010, p.51)

Os nomes das escolas *cenecistas* como se pode perceber, ou faziam alusão a uma figura ilustre local ou mesmo da história brasileira, ou então, ao próprio nome da cidade.

Conforme Silva (2010, p.52), “em 1967 foi a vez de Colônia do Gurguéia, então povoado de Eliseu Martins, Guadalupe e Curimatá com os seus respectivos ginásios: “*Vale do Gurguéia*”, “*Boa Esperança*” e “*Curimatense*”. Nesse mesmo período foram criados mais três ginásios, ainda segundo SILVA (2010, p.52) nas cidades de: “*Monsenhor Hipólito*, Buriti dos Lopes e Alto Longá, conseqüentemente instalados os seus respectivos ginásios: “*Pe. Cícero Romão Batista*”, “*Buriti dos Lopes*” e “*Rodrigues de Alencar*”.

No que diz respeito a Monsenhor Hipólito-PI, cidade foco deste estudo, sabe-se que a implantação do ginásio Padre Cícero Romão Batista só ocorreu no ano de 1975, pois para fazer funcionar e manter estes estabelecimentos de ensino

em cada cidade piauiense foi muito difícil por conta de serem várias as dificuldades, o que fez todas elas ter total dependência do poder público municipal, além dos investimentos do Estado, para que não houvesse a desativação das escolas.

Quando da passagem de nomenclatura da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos-CNEG para Campanha Nacional de Escolas da Comunidade-CNEC, pois já vimos anteriormente que a instituição possuiu nomes de acordo com o período histórico vivenciado, essa mudança implicou num posicionamento diferente da CNEC diante da sociedade, onde abandonou o termo *gratuito* para ser *comunitária*, pois segundo João Silva:

Não era mais possível manter na nomenclatura da entidade a palavra, *gratuitos*, tinha que ser alterado para dar suporte à entidade na busca de financiamentos para manter-se e dá continuidade ao ritmo de crescimento em que se encontrava. Assim, a palavra *comunidade*, ao invés de *gratuitos*, retirava em parte, a gratuidade dos alunos, o que na prática, a CNEC não chamava de pagamento, e sim contribuição social, o que de certa forma (re) forçava uma participação maior do poder público já que a CNEC atuava onde não havia escolas públicas, embora o Estado há muito participasse como financiadora. (SILVA, 2010, p. 54)

Embora se coloque que o ensino *cenecista* fosse gratuito e por conta da necessidade de recursos para expandir e manter as instituições em cada local que foi implantada buscou-se no discurso de *comunidade* a ajuda voluntária dessas populações que receberam a educação por meio da CNEC-PI, no entanto, já vimos e aqui reforçamos que os recursos financeiros vinham dos três setores de poder (Federal, Estadual e Municipal), além dos advindos da comunidade, ou seja, não houve ensino gratuito, pois era obrigado o pagamento por meio de donativos e mensalidades escolares.

Ainda que o Estado doasse terrenos para a construção dos prédios escolares e uma maior quantidade de recursos para a manutenção dos estabelecimentos de ensino devido a comunidade já ser necessitada e não poder contribuir com valores altos e que de fato podemos constatar que sem a contribuição do Estado estas escolas da Campanha não teriam se mantido só com as doações comunitárias, no entanto, devemos trazer e reforçar que isso nunca foi um favor do Estado, até porque, sempre foi uma obrigação, ou seja, o que a CNEC proporcionou foi a oferta de ensino nas localidades onde o Estado não se fazia presente, favorecendo assim, ao Governo, pois a partir dessa proposta *cenecista* foi

diminuindo as cobranças por parte da sociedade em busca de educação, algo que sabemos que é responsabilidade do poder público oferecer sem exclusão social em nível algum e também sem precisar de manifestação popular em prol de algo que é direito de todos.

O discurso entre o público e o privado esteve presente por muito tempo na CNEC como um todo, e na visão de Silva:

Embora a CNEC não se considerasse privada, e sim comunitária, mas sendo comunitária não havia gratuidade, embora seus alunos pagassem uma mensalidade inferior em relação às escolas de caráter privado, pois a CNEC sempre foi beneficiada com convênios ou qualquer outra ajuda por parte do poder público. Essa relação Estado/CNEC é perceptível quando analisamos os sujeitos que compõem as diretorias e conselhos, seja nacional, estadual ou local, onde percebemos que muitos políticos que ocupavam cargos eletivos em uma das três esferas de poder, embora não remunerados, faziam parte dos quadros administrativos da CNEC. (SILVA, 2010, p. 89)

A partir da década de 1980, a CNEC-PI passou a assumir todos os compromissos sociais igualmente as empresas privadas no setor educacional e deixou de ter os privilégios, especialmente financeiros, que cabiam as entidades filantrópicas até então, pois a partir deste período começou a reduzir o número de estabelecimentos de ensino por conta da ação do estado que passou a investir em escolas do mesmo nível de ensino onde a CNEC mantinha suas escolas, tendo ainda que enfrentar pouco a pouco e de forma agravante a concorrência das escolas públicas, o que acarretou a redução da ajuda que vinha do Estado para a Campanha.

Foram expostas várias escolas *cenecistas* que estiveram implantadas em quase todas as cidades piauienses, mas todas em grupos isolados, referentes a cada período de suas respectivas histórias, por conta disso, optamos por analisar um dos locais onde a CNEC-PI foi instalada com o intento de entender este processo de forma mais clara por conta da proximidade com os personagens que fizeram parte deste período e que nos forneceram subsídios para fazer uma análise mais próxima desta instituição na cidade de Monsenhor Hipólito-PI.

A partir dessa reflexão, ficou bem explícito que a CNEC reforça a estratégia de descentralização da educação por conta de sua política educacional estar baseada no discurso comunitário, e após o que foi exposto, ficou claro que houve

uma diferença muito grande entre os discursos na teoria e a prática que se fez presente na atuação da Campanha.

Questionando sobre o pioneirismo do ginásio *cenecista* na cidade de Monsenhor Hipólito- PI, buscamos investigar a princípio o contexto histórico nacional em torno da CNEC e também piauiense para então entender como foi a chegada desta instituição e sua contribuição para a sociedade hipolitana.

É possível colocar que as mudanças nas representações de um grupo social, nesse caso, com relação à educação *cenecista* da cidade de Monsenhor Hipólito- PI implicam em mudanças nessa estrutura e também nas mudanças de atitudes com relação a esse objeto a partir das relações sociais do cotidiano, uma vez que, essas experiências sociais não acontecem do nada, mas, se inserem nas disputas emblemáticas travadas em torno dos objetos sociais.

A partir dessa discussão em volta da trajetória da CNEC em geral e sua repercussão no Piauí, dentre os questionamentos postos para ter um entendimento mais perto da realidade desta instituição, estão: Qual importância teve a instalação da CNEC na referida cidade? Quais as motivações para esta instalação na cidade? Como a população hipolitana recebeu esta nova forma de ensino? Qual era o perfil de ensino de forma geral na cidade? Quem recebeu a educação ginásial? , entre outros que irão surgir no decorrer das entrevistas, pois o próximo capítulo terá sua base no método-técnica de pesquisa em história oral que segundo Paul Thompson (1992) “a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação [...]” (THOMPSON, 1992, p. 22) e que será exposto no decorrer do estudo.

## **2 ENTRE NARRATIVAS E IMAGENS: Histórias do pioneirismo da CNEC em Monsenhor Hipólito-PI e reminiscências em torno deste processo (1975/1978)**

### **2.1 Reminiscências do pioneirismo da CNEC em Monsenhor Hipólito-PI**

A preocupação com estudos históricos mais localizados com o objetivo de aprofundar estudos mais gerais vem despertando cada vez mais os interesses de pesquisadores, pois estes estudos passaram a ser considerados como imprescindíveis, visto que, eles podem fornecer descobertas importantes e dá grandes contribuições, assim como, abrir novas possibilidades de estudo em torno de algum fenômeno histórico local para subsidiar algum estudo de repercussão nacional.

A partir das entrevistas, buscamos responder as questões da pesquisa a cerca da CNEC em Monsenhor Hipólito-PI na segunda metade do século XX, uma vez que as representações coletivas relacionam-se à construção de interpretações sobre este processo específico que, segundo Lucília Delgado:

O ponto comum que inscreve as produções de documentos no campo da história oral encontra-se no fato de fazerem da memória e da narrativa, elementos centrais para reconstituição de época e acontecimentos que tiveram importância para a vida de comunidades, instituições e movimentos aos quais os depoentes estiveram ou ainda estão vinculados, sendo documentos produzidos que têm nas lembranças o principal suporte para reconstituição de versões, representações e interpretações sobre a História. (DELGADO, 2006, p.21)

Fez-se necessário o estudo da memória dos primeiros estudantes e funcionários em geral que fizeram parte do pioneirismo da CNEC, por conta da carência de escritos relativos às vivências desses personagens, sendo assim, a fonte oral foi a argamassa para a construção dos fatos em história. Para o historiador que enxerga além do relato, a memória mesmo que não seja real é sempre válida, pois revela a moldura interpretativa que este sujeito esta inserido.

A pesquisa em voga foi feita a partir de documentação indireta (documental e bibliográfica) e a documentação direta (pesquisa de campo e entrevistas), tendo como finalidade a construção de hipóteses para aumentar a familiaridade com o objeto estudado e o objetivo foi explorar amplamente a memória dos entrevistados,

buscando alcançar sua relevância, clareza e profundidade em torno do benefício da educação ginasial, fazendo-se o uso do método oral que, segundo Alberti (1990, p.45), “É na realização de entrevistas que se situa efetivamente o fazer da história oral, é para lá que convergem os investimentos iniciais de implantação do projeto de pesquisa e, é de lá que partem os esforços de tratamento do acervo”.

O plano de entrevistas, do tipo temático, ou seja, das experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados foi desenvolvido em volta da confiança no entrevistado, onde o mesmo teve total liberdade para relatar os fatos vivenciados, pois, como afirma Delgado (2006, p.16): “A memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis- temporais, topográficas, individuais, coletivas- dialogam entre si”. A partir disso, é possível colocar, que a história oral pode juntar fragmentos da memória dos atores sociais que participaram diretamente do processo educacional na cidade de Monsenhor Hipólito- PI, ajudando na construção da narrativa histórica. O resgate destas memórias, metodologicamente, é norteado pelo recurso da oralidade como fonte e de sua interlocução com o referencial historiográfico pertinente ao assunto.

A década de 70 do século XX corresponde à fase de expansão da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade-CNEC em todo território brasileiro bem como o período em que foi instalado o primeiro ginásio na cidade de Monsenhor Hipólito-PI no ano de 1975, considerado a primeira iniciativa de instalação da educação ginasial.



**Ilustração 4:** Santinha, Diretora fundadora da CNEC em Monsenhor Hipólito.

**Fonte:** Acervo particular de Maria Elba de Sousa.

Sobre a CNEC, a entrevistada Maria dos Santos Bezerra Gomes, cujo apelido tem por Santinha ao qual todos a conhecem e que é de preferência dela, uma senhora de mais de 60 anos e que permaneceu na direção e atuou como professora da escola Padre Cícero Romão Batista por 37 anos, dona de uma memória invejável cujos relatos são imprescindíveis para o estudo, vai trazer que:

A CNEC era um movimento, inclusive a sigla significa Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, o professor Felipe Tiago Gomes foi o fundador dela a nível de Brasil, inclusive eu cheguei a conhece-lo uma vez em Brasília, em Teresina, em vários encontros...então.. até porque ele foi um estudante da CNEC, né, e ele vê a necessidade dos estudantes pobres da época né, a maioria das pessoas não tinham condições. Os municípios brasileiros não ofertavam, assim como Monsenhor Hipólito, a grande maioria não ofertava o ensino, que era o ginásio que hoje é o fundamental né, então, ele pensando nessas pessoas começou este movimento da Campanha e ele foi crescendo, foi crescendo... e também chegou no Piauí e que por sinal no Piauí ele era muito forte, tinha muita credibilidade e que foi uma maneira, é...dos municípios conseguir trazer pra suas cidades né, o ensino do ginásio que já era, assim, um desejo da população. Eu creio que de todas as cidades, como também era de Monsenhor Hipólito né. (GOMES, 2013)



Este estudo tem por finalidade resgatar a história da chegada da CNEC com a implantação da educação básica na cidade de Monsenhor Hipólito-PI na década de 1970, abordando as dificuldades encontradas nos primeiros anos de sua existência, os seus benefícios e a importância desta instituição para os que tiveram acesso ao ensino *cenecista*, pois neste período ainda não existia o ensino ginásial na cidade e nem todos podiam sair para outros locais, como acontece atualmente, por conta disso, partiu o interesse de entender este processo a partir daqueles que vivenciaram este momento, considerado imprescindível para o desenvolvimento da cidade, e que será pautado no uso da História Oral que segundo Thompson (1992), os trabalhos baseados em história oral além de nos fornecer estímulo intelectual, o fato de ingressar na vida e nas experiências de outras pessoas nos dá uma experiência humana e profunda.

Uma das vantagens da entrevista é que você pode fazer uma análise direta do entrevistado, analisando gestos, expressões e até mesmo as emoções que os entrevistados transmitem, facilitando assim, analisar a veracidade dos relatos. Acreditamos que não existe uma regra específica para fazer uma entrevista, pois cada uma é única, por conta disso, cada pesquisador deve estabelecer seu próprio método de coletar os dados, seguindo o caminho que melhor for para alcançar os seus objetivos.

Até o ano de 1975 a cidade de Monsenhor Hipólito-PI, não possuía Ginásio, o panorama educacional era composto por profissionais particulares espalhados em casas e algumas escolas improvisadas para ensinar a ler, escrever e contar, contando também com o ensino primário ofertado pelo município e pelo estado, como afirma Santinha.

Só tinha o primário e quem ofertava na época era o município, mas o estado também já oferecia o primário, só o primário também. Até o ano de 1975 o município de Monsenhor Hipólito só ofertava a sua população o ensino que na época que a gente chamava de ensino primário, tanto o município como o estado. (GOMES, 2013)

Posto isso, sabe-se que até então o primário era a única forma educacional que existia na cidade e quem desejasse ampliar os estudos tinha que ir para outras cidades e estados, por conta deste método ser muito dispendioso, só podia sair em busca de melhorias uma minoria que fazia parte das famílias abastadas do município.

Após a conclusão do Primário, os alunos hipolitanos não tinham muitas opções, aqueles pertencentes a uma boa classe social e de famílias tradicionais se deslocavam para as cidades de Teresina ou Jaicós- PI, Fortaleza ou Crato- CE, e então concluíam seus estudos e os demais hipolitanos, no caso dos homens se dedicavam a atividade agrícola e as mulheres ficavam voltadas para o casamento, vida doméstica e o cuidado dos filhos, pois como já foi exposto anteriormente, a cidade não dispunha até 1975 de ginásio e por conta disso a maioria da população ficava estagnados as atividades que a cidade oferecia, pois diferente de hoje que as coisas são mais acessíveis, na década de 70 as oportunidades eram restritas.

Foi dentro deste panorama que surgiu a necessidade de trazer o ginásio para a cidade, sua chegada foi aceita por conta do desejo que a maioria sentia de prosseguir seus estudos, e embora não fosse algo voltado para todos, como previa o discurso da CNEC, havia parceria com o governo municipal que arcava com muitas despesas e a comunidade pagava as mensalidades mensais, provavelmente algo dispendioso para uma população voltada para atividades rurais, no entanto, foi algo aguardado e esperado pela maioria, que não hesitaram em fazer esforços para ter acesso ao ginásio.

Meu pai José Alves Bezerra... ele influenciou muito o seu filho que na época era o prefeito né, Virgílio de Sá Bezerra. Porque ele sentia aquilo né, ele era... ele tinha uma visão né, que colocou os filhos porque podia, mas ele também sentiu a necessidade de ver os outros, as outras pessoas da sua comunidade também ter a oportunidade de estudar o ginásio e com o movimento da CNEC né, ele incentivou muito o prefeito da época, Virgílio de Sá Bezerra a ir buscar né, essa oportunidade e trazer essa oportunidade pra Monsenhor Hipólito. (GOMES, 2013)

A mobilização dos comandos políticos em defesa da comunidade e da causa Cenecista passou a representar um movimento em prol da democratização do ensino. Nesse momento, as lideranças locais conseguiam obter uma maior visibilidade política, na medida em que planejavam suas ações sociais, em decorrência da adesão da população a este movimento por conta das possibilidades de crescer com o acesso ao ensino secundário e que daria aos governantes um maior prestígio por parte da sociedade devido a ações que beneficiava a população como um todo.



**Ilustração 5:** Virgílio de Sá Bezerra - Fundador da CNEC em Monsenhor Hipólito.  
**Fonte:** Acervo particular da Escola Padre Cícero.

Virgílio de Sá Bezerra era irmão de Maria dos Santos Bezerra Gomes, Santinha, ambos os filhos do antigo prefeito José Alves Bezerra, posto isso, é possível perceber as relações de parentesco que existiam nesse contexto, voltadas em torno da mesma família, essa é a mais tradicional família da cidade de Monsenhor Hipólito-PI e que esteve por mais de meio século a frente da administração política e também de muitos cargos importantes da cidade, mas, de uma maneira positiva trouxeram algo que beneficiou a população hipolitana, pois foram unânimes as respostas colhidas nas muitas entrevistas do pioneirismo essencial do ginásio cenecista para o crescimento da cidade e conseqüentemente da sociedade, visto que todos estavam parados, com exceção dos que tinham melhores condições, que na época era muito pouco, com relação a sair pra fora em busca de melhorias à entrevistada Santinha coloca que:

Muito pouco saia pra fora... na época só eu e meus irmãos, Gracy de seu Viturino, Perciliana Lima do cartório... Dr. Zé Ayrton, somente nós tivemos. Na época os pais tinham uma certa condição e colocaram nós pra ir estudar fora, Os demais todos tavam parados e esperaram essa grande oportunidade...inclusive hoje nós temos professores, que ainda são professoras do Padre Cícero como é o caso de Zenaide que foi aluna da primeira turma. Eu e meus irmãos fomos estudar em Teresina, Dr. Zé Ayrton no Crato, Gracy e

Perciliana em Jaicós, que já tinha um colégio por sinal era da CNEC, que foi o primeiro colégio da CNEC no Piauí. (GOMES, 2013)

De fato só ia estudar em outras cidades e até outros estados, pessoas ascendentes da classe alta, de família tradicional e de alta influência na cidade, até porque Monsenhor Hipólito ainda começava a dar os primeiros passos para o crescimento, indagando sobre o desenvolvimento da cidade na década de 70 e os locais onde a sociedade gostava de frequentar, a antiga diretora colocou da seguinte forma:

A cidade não... é claro que não né! Muitos anseios ainda por calçamentos, tinha muito pouco, em frente ao colégio que começou a funcionar em 75 não tinha, e nem em frente do prédio próprio, foi bem depois que foram calçada essas ruas. Os locais de lazer era... tinha o Bar ali, onde hoje funciona aquela loja de móveis que o ponto é de Virgílio, que a gente chamava de Bar de seu Alberto, era assim um ponto né, onde a sociedade se encontrava, a gente dançava, é...tinha também as limeiras na época da semana santa né, aqui também o pessoal gostava muito de...é, aquelas festas de viola, violeiros, assim, próximos da cidade... as vezes tinha aqueles eventos né, o pessoal era muito ligados a viola, era basicamente isso, muito diferente de hoje! (GOMES, 2013)

Buscamos investigar o processo histórico de organização institucional da educação na cidade, tomando por base a influência exercida pela CNEC com a criação de Ginásios em cidades piauienses, identificar os atores sociais envolvidos no processo de criação e consolidação do Ginásio “*Padre Cícero Romão Batista*” na década de 70, destacando as representações produzidas pela memória local e favorecendo o acesso ao conhecimento de fatos históricos da cidade através da interpretação da ação política e cultural desenvolvida pela CNEC-PI local. Indagando sobre a importância do pioneirismo da CNEC, a aluna Zélia Bezerra coloca:

Em todos os aspectos e em especial: no educacional, cultural e social. Ela abriu portas rumo a qualificação do potencial humano que hoje dispomos, bem como os que estão espalhados pelo Brasil a fora que despontaram aqui, dando o ponta pé inicial em busca do que almejavam e sonhavam...Ela foi uma espécie de passaporte para todos nós, considero um patrimônio cultural. (BEZERRA, 2013a)

Monsenhor Hipólito-PI na década de 70 ainda não era desenvolvida como nos dias atuais, nesse período se encontrava em processo de construção, mas a população já ansiava por uma educação de qualidade devido uma minoria ter

acesso ao ensino mais elevado por conta das dificuldades financeiras, então a única forma seria tendo ensino na cidade. Neste período o Brasil passava pelo advento do golpe militar, mas a cidade por ser interiorana pouco tinha conhecimento sobre este assunto e seu povo era arraigado na política local partidária, os interesses eram baseados no que estava faltando para cidade, como afirma a ex-aluna Euniceles Rodrigues, alcunho Celinha, como gosta de ser chamada.

Monsenhor Hipólito como cidade brasileira também estava inserida no contexto da ditadura militar de forma inconsciente, porque o pessoal não tinha o menor conceito do que era Ditadura, né, pois seus habitantes desconheciam este significado, com consequências a parte, podemos considerar que a cidade deu um salto positivo com a chegada da televisão que chegou mais ou menos antes de 1969, presente em pouquíssimas casas daí a opção e escolha em assistir apenas as novelas né, da maioria do povo que procuravam essas casas, a água era advinda de poços tubulares e se estendia através de chafarizes onde as pessoas coletavam em latas de querosene sobre suas cabeças, não havia manifestações reivindicadoras, dado o pouco esclarecimento da população seguido de suas pacatisses. (RODRIGUES, 2013)

A criação do curso ginásial era um desejo da maioria da população hipolitana, visto que somente uma minoria saía para estudar fora, atendendo a vontade popular e os seus próprios interesses, o prefeito Virgílio de Sá Bezerra juntamente com lideranças políticas do Município como seu irmão, o Sr. Manoel Alves Bezerra (Né Bezerra), o seu pai, José Alves Bezerra, e apoio do Administrador da CNEC Piauí, Prof. Valdir Cruz, conseguiram aprovação do governo Estadual para implantação do curso na cidade. Sobre este episódio e a implantação da CNEC na cidade Santinha vai trazer que:

Os percursores, ah... daqui foi meu pai né, José Alves Bezerra, o prefeito da época Virgílio de Sá Bezerra e eu, Maria dos Santos Bezerra Gomes, estive presente desde o primeiro momento. Eu cheguei a ir pra Teresina de resguardo como a gente diz, do meu primeiro filho que tem a idade do Padre Cícero que é Márcio, que por sinal foi um parto muito laboroso, muito difícil... após ser fundada, a primeira aula ocorreu em abril, foi na datação que eu tive que ir pra Teresina, muito debilitada porque eu tive um problema muito difícil no meu parto, mas eu enfrentei isso, ônibus, estrada ruim, mas porque era minha vontade naquela época, naquele momento e eu não me arrependo disso, de trazer a escola Padre Cícero. O diretor Estadual da CNEC era o professor Valdir Cruz, um grande amigo, faleceu há dois anos. (GOMES, 2013)

Posto isso, fica claro o desejo e anseio por melhorias para a cidade e para a população e foi nesse momento que chegou o ginásio, embora a CNEC já se fizesse presente em muitas cidades do Piauí sendo considerada tardia sua implantação na cidade, mas isso não impediu seu crescimento paulatinamente e de atualmente ser considerada uma das cidades mais desenvolvidas em termos educacionais no Estado piauiense, por conta disso o ano de 1975 ficou na memória coletiva e individual da população de Monsenhor Hipólito como um dos períodos mais importante da história da cidade, pois foi a partir dessa iniciativa que a população teve acesso ao ensino ginasial e que pôde lograr êxitos, algo que foi bem explanado pelos entrevistados, como é colocado abaixo:

Ah houve muita alegria... a população ficou muito feliz com a atitude né, do Gestor da época né, de trazer o ginásio, era um anseio dos pais de colocarem seus filhos né... Como você sabe, eu acho que você sabe, Monsenhor Hipólito é uma cidade, pelo menos eu acho, que os pais tem muito gosto né, com estudo né, eu acho.. a gente ver assim muito sacrifício, eu vejo como algumas pessoas moram em Picos pra estudar e de certa forma tão fazendo aquele sacrifício, tão buscando né... a gente sabe que já tem gente se sobressaindo né, Cleomar e tantos outros hoje já são é professores fora e em outros lugares... porque o povo de Monsenhor Hipólito, eu dou muito valor a isso, em relação aos pais parabenizo muito as famílias de Monsenhor Hipólito, elas sempre foram muito preocupadas com o estudo dos filhos e são exigentes, sempre cobraram muito a escola de qualidade, talvez por isso essa grande aceitação que o Padre Cícero tinha porque a gente, nós sempre fizemos opção pela qualidade, nunca fizemos pela quantidade. (GOMES, 2013)

O senhor prefeito Virgílio de Sá Bezerra, autoridade que nos agraciou com esta instituição de ensino, atendendo as reivindicações e necessidades dos pais e da sociedade para dar continuidade aos estudos dos filhos, as famílias tinham um grande número de dependentes para ingressar no ensino ginasial, como era o caso de mim, éramos cinco e não tínhamos o financeiro para irmos para outra cidade. Este ensino cenequista proporcionou tudo de bom e útil, o ensino molda, transforma, prepara, contribui na indicação de novos caminhos, na participação dos problemas educacionais que são de todos os envolvidos no processo educativo, elevando seu nível de entendimento, de compreensão da vida e da sua forma de conduzi-la. (BEZERRA, 2013b)

Bom... o prefeito na época era Virgílio de Sá Bezerra, ícone na educação hipolitana que idealizou, planejou e executou a vultosa obra de ensino ginasial, delegando aos hipolitanos oportunidade para saírem do marasmo e edificarem as pilastras profissionais em suas vidas. Acredito que isso foi só uma atitude dele por entender a necessidade, não que o pessoal fizesse assim movimentos reivindicando. Tudo! Graças à oportunidade, sou a pessoa do

presente caminhando com minhas próprias pernas, com uma visão política respectiva a diversos segmentos da sobrevivência humana. (RODRIGUES, 2013)

A chegada da CNEC em Monsenhor Hipólito foi uma ajuda para os jovens que pretendiam continuar seus estudos, seguindo uma carreira na vida como médico, advogado, professor, dentista, psicóloga e outras. Isso aconteceu e temos bastantes profissionais em todas as categorias. Agradeçam e se orgulhem da CNEC por ter proporcionado tamanha ajuda... porque assim, hoje nós temos tudo isto aqui né, mas foi iniciado aqui na CNEC. (PINTO, 2013)

A CNEC foi de grande importância para o ensino de Monsenhor Hipólito e para a vida profissional dos jovens, hoje têm vários médicos, advogados, dentistas e professores que tiveram início seus estudos na CNEC. (JESUS, 2013)

A escolha dos entrevistados foi guiada pelos objetivos da pesquisa e foram selecionados seguindo o critério de envolvimento que o informante teve com a chegada da CNEC na cidade. Buscamos alcançar um melhor resultado das entrevistas, de maneira que pudessem fornecer dados para a construção do trabalho, fez-se a opção pelo uso do tipo de entrevista mesclando os tipos de história de vida e história temática.

Concordamos com a autora Freitas (2002, p.18) quando afirma que “[...] a História Oral é uma fonte, um documento, uma entrevista gravada que podemos usar da mesma maneira que usamos uma notícia de jornal, ou uma referência em um arquivo, em uma carta [...]”. Pois as fontes orais foram peças fundamentais para a compreensão histórica do período estudado, sobretudo, em decorrência da carência de fontes escritas que tratassem do assunto.

A História não é só o que já aconteceu, é também o que está acontecendo e para compreendê-la é necessário questionamentos e pesquisa acerca dos processos e dos sujeitos históricos em diferentes tempos e espaços, pois, segundo Delgado (2006), para o historiador, o estabelecimento de cortes cronológicos são tão fundamentais quanto à definição do tema ou o objeto a ser pesquisado. No entanto, nada deve ser encarado como verdades prontas e acabadas, tudo está sujeito a novas versões e questionamentos, pois, ao se dedicar ao estudo do passado, o pesquisador vai ao encontro de outro tempo, diferente daquele no qual está integrado, tratando-se de um encontro da história já vivida com a história pesquisada, estudada, analisada e narrada.

O Curso ginásial foi criado na cidade em 23 de março de 1975, por iniciativa do então prefeito municipal Virgílio de Sá Bezerra, através da CNEC, por conta da necessidade que a população já tinha na época visto que em muitas cidades piauienses já existiam as escolas cenecistas, pelo fato de raras famílias possuírem condições de mandar seus filhos para outras cidades com a finalidade de concluírem seus estudos e também com o objetivo de se promover diante de uma cidade pequena onde a carência do momento era um ensino voltado para a maioria da população e assim poderia ter privilégios diante da sociedade e também obter benefícios com este sistema.

Então... até 1974, Monsenhor Hipólito contava apenas com dois colégios, um estadual e o outro municipal, aonde se ministrava estudos de primeiro grau menor ou seja de 1ª a 4ª série, até então eu já estava com 15 anos com esta etapa de ensino concluída a espera do primeiro grau maior, pois o poder aquisitivo me ceivou de ir buscar estudos em outros locais, não só a mim mas como muitos outros colegas, muito pouco saíram, só o pessoal de bom poder financeiro e das famílias tradicionais era que se deslocavam. Propiciou não só a primeira turma, mas a centenas de estudantes hipolitanos a oportunidade de concluir os estudos em tempo hábil, no aconchego telúrico e familiar, trouxe inovações para a inclusão do convívio social através de celebrações cívicas a exemplo de: Abertura do ano letivo, páscoa, dia das Mães, festas juninas, sete de setembro, dia dos Pais, dia da criança, dia do professor, semanas culturais, concursos literários com premiações importantes e destaque de alunos nas esferas municipal, estadual e federal, enfim, um guindaste pra aqueles que quiseram ascender no percurso de suas vidas. Este ensino trouxe de benefício para minha vida...Tudo! O ginásio foi o alicerce da minha formação ética, moral e profissional, me estimulando a prosseguir em busca de um ofício que me colocasse num patamar de sobrevivência mais favorável, o que não foi possível em curto prazo, porém, determinante para garimpar o aperfeiçoamento da minha personalidade e o amadurecimento de visão crítica do mundo. (RODRIGUES, 2013)

A Unidade Escolar Cenecista Padre Cícero Romão Batista, que recebeu este nome por conta da devoção do presidente local da CNEC, José Alves Bezerra, como afirma Gomes (2013): “a escola recebeu este nome a pedido do meu pai que era muito religioso, ele tinha muita fé no Padre Cícero aqui né, do Juazeiro-CE, e ele pediu ao Virgílio né que era o prefeito pra colocar o nome”, começou a funcionar no grupo escolar Dom Expedito Lopes, onde já funcionava o primário e hoje é o atual prédio da prefeitura municipal.



A escola cenequista Padre Cícero Romão Batista foi instalada na gestão do prefeito municipal Virgílio de Sá Bezerra, nessa época o Presidente Nacional da CNEC era José Lins Albuquerque; quem figurava como presidente da CNEC Estadual era Manoel Leocádio de Melo; o presidente do Conselho Estadual de Educação estava na figura de José Camilo Filho; o Administrador Estadual era o professor Valdir Cruz; quem assumiu o cargo de presidente local foi José Alves Bezerra e a função de Diretora foi assumida por Maria dos Santos Bezerra Gomes, alcunho Santinha.

Na ilustração abaixo está as principais autoridades da época, todos fazem parte da família Bezerra e dois membros da CNEC-PI que segundo as entrevistadas sempre participaram dos eventos feitos na escola, reuniões e os grandes bailes de colação de grau.



**Ilustração 6:** Da esquerda para direita: José Ayrton Bezerra, Zezinho Bezerra, Prof. Valdir Cruz, o presidente estadual Leocádio Melo, Manoel Alves Bezerra- Né Bezerra e o prefeito da época Virgílio de Sá Bezerra.

**Fonte:** Acervo particular de Assunção Bezerra.

A presença das autoridades locais e de convidados ilustres em datas festivas e comemorativas sempre foi presente na história da CNEC hipolitana, tendo em vista que em cidades interioranas as figuras consideradas “ilustres” e de ascendência social sempre são convidadas a participar das homenagens que são feitas, pois são considerados essenciais perante a sociedade, na figura acima todas as autoridades locais são da família Bezerra.

A senhora Maria dos Santos que permaneceu na direção local por 37 anos, desde a fundação da CNEC até a municipalização da escola, veio a se afastar do cargo no ano de 2013 por disputas políticas, sendo nesse período que o único partido político que comandava a cidade, os Bezerras, perdeu pela primeira vez as eleições para a oposição.

Assim... pra mim educação, ela é o caminho que abre as portas para o sucesso de todas as outras é... situações, a saúde, o lazer, a segurança... enfim, elas só acontecem se acontecer uma boa educação... Eu sou diretora fundadora da escola, até o dia 31 de Dezembro de 2012 eu sempre busquei com todas a... as minhas forças possíveis e impossíveis eu buscava o melhor pra a escola. Ah...Eu acho que ela foi um marco, eu até costumava dizer nas minhas falas, nas oportunidades que eu tive que foram muitas, que pra mim a maior obra que eu acho que o governo e que todos os governantes trouxeram para Monsenhor Hipólito foi a fundação da escola Padre Cícero...porque hoje é muito fácil se fundar uma escola, aliás só é, inclusive aqui eu faço uma crítica.. eu acho que a quantidade hoje é muito grande e a qualidade é muito pouca, o que não aconteceu na época...então, trazer um Ginásio há 38 anos e com qualidade foi essencial, fez agora no dia 23 de março, eu já não estava mais na direção mas desde o amanhecer do dia eu lembrei e até coloquei na internet, ainda perguntei se tinha havido alguma coisa e o aluno me respondeu que não, que ninguém nem falou na escola, porque eu nunca deixava passar em branco. Ela completou 38 anos e eu acho que ela foi a coisa... o fato mais importante, foi a maior obra pra Monsenhor Hipólito, porque qualquer coisa que se faça hoje, tudo é mais fácil... Hoje o governo manda, manda o ônibus, manda tudo... naquela época tinha que se buscar e com muita dificuldade porque até pra ir a Teresina era difícil, ate pra telefonar pra Teresina era muito difícil, então, mesmo diante dessas dificuldades, hoje quantos milhões de professores nós temos aí, inclusive desempregados né... na época nós éramos seis professores para começar a escola... Eu, minha irmã Gracinha, Perciliana, Eufrásia (In Memoriam), Delma, depois teve Jandira, pouquíssimos né.. e as vezes a gente ficava sobrecarregados nas disciplinas, tinha que estudar, eu estudei muito inglês, porque nós não tínhamos professores né, suficientes, então... fazer isso numa época daquela pra mim não tem obra. (GOMES, 2013)

A ex-diretora da escola se comoveu ao lembrar sua trajetória em acordo com a história do colégio Padre Cícero, pois foram muitos anos a frente desta instituição e o início como ela traz na sua fala foi muito difícil, atualmente tudo é mais fácil, e há praticamente 40 anos atrás conseguir algo era muito complicado e dispendioso, posto isso, pode-se dizer que a CNEC foi uma obra muito grandiosa e que trouxe muitos benefícios para a população, sendo o ponto de partida para a construção

paulatinamente de uma educação de qualidade como a que existe nos dias atuais que se destaca em todos os âmbitos.

A CNEC instituição exigia um prédio próprio para instalar o ensino e por isso uma das lideranças políticas da cidade e fundador do município, José Alves Bezerra, doou o terreno para a construção da sede própria da unidade escolar cenequista Padre Cícero Romão Batista e essa foi inaugurada poucos anos depois da chegada da CNEC na cidade, sua inauguração ocorreu em 30 de janeiro de 1983 já na gestão de Manoel Alves Bezerra, conhecido por Né Bezerra, onde permanece até os dias de hoje com o ensino fundamental maior e menor que é dever do município ofertar.



**Ilustração 7:** Atual Prédio da Escola, fundada em Janeiro de 1983 e funciona até os dias atuais.

**Fonte:** Acervo Particular de Maria Elba de Sousa.

O documento monumento abaixo fotografado fica exposto na entrada do Colégio Padre Cícero Romão Batista em homenagem a sua fundação e inauguração em janeiro de 1983, cujo terreno foi doado por um dos Líderes políticos da cidade, o Sr. José Alves Bezerra e ainda hoje funciona no mesmo local, mudando apenas a aparência por conta do tempo que vai desgastando e precisa de reformas. A entrevistada Santinha coloca que a inauguração “Foi uma grande festa, eu nunca

esqueci o dia da fundação... e assim foi ao longo dos muitos anos, houve muita valorização por parte das pessoas, eu acho que ainda hoje existe esta valorização por tudo que foi este ensino”.



**Ilustração 8:** Monumento de inauguração da Escola Cenequista e do atual Colégio municipalizado Padre Cícero Romão Batista.

**Fonte:** Acervo pessoal de Maria Elba de Sousa.

Segundo a ex-diretora Santinha Gomes, desde a fundação do Ginásio Cenequista até a instalação e consolidação do Colégio Padre Cícero Romão Batista, esta instituição tem trazido melhora substancial na educação da cidade, pois a qualidade do ensino sempre foi considerada boa, a dedicação do quadro de funcionários, o acompanhamento dos pais e da sociedade na interação com a escola sempre foi uma constante na trajetória do Padre Cícero. A ex-diretora ainda colocou uma possibilidade da CNEC voltar a funcionar na cidade devido o prédio pertencer a instituição da CNEC e por nunca ter perdido o contato com a administração da instituição.

Somos gratos a CNEC, posto que foi através dela que conseguimos instalar o ginásio na cidade...foi o inicio do sucesso educacional do Padre Cícero e até mesmo de todo o município... a amizade gerada durante os anos de trabalho continua, são laços que se mantêm no

tempo, são sólidos! A poucos dias ele me ligou, depois que ele soube que eu fui colocada fora da direção, ele até estudou uma possibilidade de voltar a ter uma escola da CNEC, onde os alunos pagam uma ...não é uma escola particular, assim, que cobra mensalidade muito cara, mas é uma mensalidade que talvez a comunidade possa até ter a oportunidade de...de, conseguir pagar né...e Eu já tive um encontro com ele e fiquei de voltar a Teresina no segundo semestre...quem sabe, é uma possibilidade, até porque, o prédio é da CNEC né...ficou de no segundo semestre eu ir lá estudar a possibilidade, eles queriam já este ano, mas disse que este ano não tenho como, mas eu acho que se Monsenhor Hipólito...a CNEC botar , eu acho que a cidade já comporta uma escola particular. (GOMES, 2013)

Sabe-se que a CNEC era uma instituição privada e ainda hoje é, no entanto, por muito tempo seu discurso foi voltado para a educação comunitária e em prol dos mais necessitados. A repercussão desta instituição se deu por todo o Piauí, chegando ao ano de 1975 em Monsenhor Hipólito, sabendo do que era posto pela CNEC e dos vários discursos em torno deste ensino, indaga-se como era a forma de acesso ao ginásio cenecista Padre Cícero Romão Batista e de fato o que esta instituição exigia para que os alunos pudessem estudar.

A taxa de pagamento da CNEC era irrisória, porque a CNEC ela é... como ainda hoje, uma instituição privada, então, como tudo que é privada, ela tem que ter um pouco de recursos, então, ela advém também de recursos da comunidade né... então, mas a comunidade era consciente, os valores era de acordo com as condições, tanto é que todas as pessoas da época, ninguém ficou de fora... e também tinha assim uma contribuição muito grande que se não fosse essa talvez não tivessem tido condições porque as taxas poderiam ser mais altas, mas a Prefeitura de Monsenhor Hipólito dava uma contrapartida, todos os meses ela dava aquela quantidade X pra fechar o pagamento dos professores e a manutenção da escola em si... então era uma junção... pegava os recursos que o aluno pagava, ele tinha um carnêzinho, era tudo muito organizado e juntava com a contribuição fundamental da prefeitura. (GOMES, 2013)

Embora houvesse a contribuição mensal para ter acesso ao ginásio, devido boa parte já ser quitada pela prefeitura municipal, e mesmo sendo a contribuição considerada irrisória, ainda assim era algo dispendioso como afirma a aluna Celinha “que todos que se dispuseram a pagar tiveram acesso, era uma taxa X, era...até eu conversando com uma colega ela disse assim: eu me recordo da minha mãe dizer que o valor da mensalidade equivalia ao valor de uma galinha bem gorda, rsrs, mas

era tudo pago”. Por conta disto com o passar dos anos passaram a ser ofertadas bolsas de estudos para que alargasse ainda mais o acesso ao ginásio.

De um certo tempo... eu não lembro bem a época, a gente conseguiu... a CNEC mesmo ela mandava umas bolsas de estudo pra... pra cada cidade né...então a gente procurava aquelas casas, que as vezes tinha pais que tinham dois, três filhos estudando né e a gente analisava com carinho a questão socioeconômica né, das famílias, dos alunos... (GOMES, 2013)

Outra exigência feita pela administração da CNEC-PI assim como da CNEC nacional era a prestação de contas de tudo que acontecia na escola onde foi instalada sua rede de ensino e competia ao diretor da escola fazer estes relatórios e a parte burocrática da instituição.

Tinha que prestar conta da quantidade de alunos matriculados né, a gente mantinha tudo muito bem informado, era a documentação dos professores para eles receberem autorização para ministrarem as aulas... ai na parte financeira a gente prestava conta tanto da arrecadação da mensalidadezinha, que a gente tinha as mensalidades que os alunos pagavam como também da parte que a prefeitura dava, prestava conta também das despesas referentes as folhas de pagamentos e encargos sociais que a gente pagava na época né... energia e água não porque essas sempre a prefeitura assumiu e outras despesaszinhas que sempre aparecem, né...inclusive a gente prestava conta a cada trimestre, eu ia a Teresina na sede da CNEC que ainda hoje é no mesmo lugar, na Rua Barroso, 569, Sul... eu sei tudo, é, a gente ia prestar conta, levava toda receita arrecadada, levávamos as folhas de pagamento, os encargos, porque as pessoas eram de carteira assinada né, era pelo regime CLT da CNEC, inclusive tem muitas pessoas que são aposentadas ainda pela CNEC... Rosinha, Nêê de Dandô ali, a mãe de Jucineide, Neuzelide aqui, Dé, que a gente conhecia como *mãe Dé (in Memoriam)*, a mãe de Maria do Carmo, eram todas aposentadas pela CNEC.. porque a gente pagava os encargos sociais né.. então a cada trimestre eu ia a Teresina levar a receita e a despesa né... do dinheiro arrecadado e do que era gasto eu prestava conta a CNEC em Teresina. (GOMES, 2013)

Quando o ginásio chegou à cidade ainda era pioneiro nesta fase de ensino, no entanto, por volta dos anos 80 já era obrigatoriedade do estado oferecer este ensino gratuito para toda a população, mas mesmo assim a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade-CNEC continuou a existir, ainda que perdendo alguns benefícios do poder público e com Monsenhor Hipólito não foi diferente, perdeu até a década de 90, pois mesmo com ensino gratuito oferecido pelo estado, muitos preferiam continuar na rede cenicista e pagar a mensalidade que era exigida para

ter o ensino ginásial. Então, além de ser pioneiro e contribuir para o acesso da população hipolitana a educação, o ensino ginásial contribui para que os governantes pudessem investir na educação como um todo, como afirma Santinha:

Em primeiro lugar, foi a possibilidade dos filhos pobres da cidade poderem dar continuidade a seus estudos sem terem que se deslocar para outras cidades, o que era muito custoso. Coloco também que com a criação do curso ginásial na cidade, despertou também o governo estadual pra estender o ensino público na cidade, criando a Unidade Escolar José Alves Bezerra, favorecendo a educação daquelas famílias que não possuíam condições de colocar seus filhos para estudarem na unidade cenequista, já que havia uma pequena contribuição mensal para pagamentos de manutenção da escola. (GOMES, 2013)

## **2.2 Vivências e experiências do ensino Cenequista Hipolitano**

A educação pública no Brasil por muito tempo sofreu influências políticas em todos os aspectos, onde os professores podiam ser contratados, exonerados, transferidos ou substituídos por motivos políticos, como afirma Ferro:

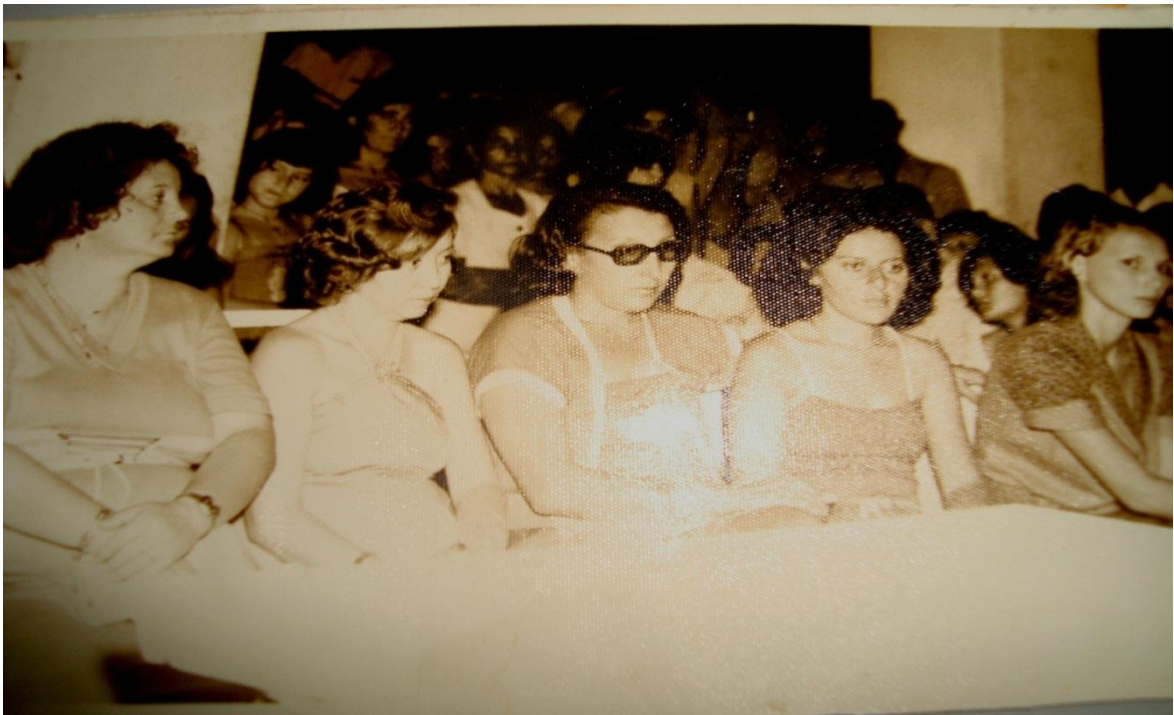
A influência política na contratação de professores da rede pública acontecia rotineiramente. A indicação era feita por uma pessoa de prestígio ou poder político, sem levar em conta a aptidão, o preparo ou a capacidade para o exercício da profissão. (FERRO, 1996. p. 89)

Este processo foi bem presente e ainda se faz de forma mapeada na educação brasileira, por conta da política esta enraizada na seleção de profissionais qualificados ou não, como atualmente o acesso à educação e a uma instrução mais elevada já é grande, há uma maior dificuldade nesse processo de contratação, mas na década de 1970 isso se fez muito presente na educação de Monsenhor Hipólito-PI, principalmente por conta de a cidade ser governada por um único partido político, “os Bezerras”, favorecendo o apadrinhamento de parentes e conhecidos em troca de acordos voltado para a política, algo típico de cidades interioranas e de pequeno porte.

Nessa época era muito difícil encontrar um profissional capacitado pela falta de instrução pelo fato de ser uma cidade pequena e pouco desenvolvida neste período, o que dificultava ainda mais o acesso à educação, sendo assim, a prática de apadrinhamento político foi bem presente na educação da cidade.

Os primeiros professores que atuaram na rede cenequista foram Maria dos Santos Bezerra Gomes- Santinha; gestora da unidade e professora de língua Portuguesa, Maria das Graças do Santo Bezerra Ribeiro Pinto- Graçinha; professora de Matemática, Perciliana Lima Bezerra- Peci; professora de Ciências físicas e biológicas e de Educação para o Lar; Odete Anísia de Jesus, professora de Geografia; Eufrásia de Sousa Carvalho (In Memoriam), professora de Educação Física e Educação Artística, Jandira Monteiro Gomes; professora de OSPB, Maria do Socorro Pinheiro com História e Maria Delma Rodrigues Luna com Inglês.

Todas elas foram contratadas pelo gestor da cidade devido à falta de pessoas instruídas e por conta dessas professoras terem tido acesso a um nível de ensino mais elevado antes da chegada da CNEC e puderam ir buscar instrução em outros locais em decorrência das condições financeiras que possuíam.



**Ilustração 9:** Primeiras Professoras da turma cenequista pioneira. Da esquerda para a direita: Eufrásia, Perciliana, Graçinha, Delma e Santinha.

**Fonte:** Acervo da escola Padre Cícero.

Segundo a antiga diretora, Santinha “todas as professoras eram formadas, tinham o curso pedagógico, era a exigência da época o curso pedagógico, todas tínhamos o curso pedagógico”. A ex-professora Maria das Graças do Santo Bezerra Ribeiro Pinto- Graçinha, a respeito disto colocou que:



Era só por indicação mesmo, não tinha seleção não, era por o prefeito né, tinha poucas professoras formadas, teve que vir de fora ainda, mas no início só tinha nós. Meu curso era o curso pedagógico. Iniciei meus estudos em Monsenhor Hipólito, seguindo daqui para Picos né, onde terminei o primário, de Picos fui pra Teresina e conclui o meu curso pedagógico no Colégio Sagrado Coração de Jesus, considerado o melhor do Piauí... As dificuldades foram poucas, apenas a saudades que sentia de meus pais e a separação, naquela época você passava, você ia em Março só voltava em Julho, mas os quatro meses não via as oportunidades como a gente vê hoje, como hoje que você tá em Picos tá em Monsenhor Hipólito tá em Teresina né e naquela época não, você vinha em Março só voltava em Julho aí passava aqueles quatro meses sem ver os pais, eu sentia muito isso, muita saudade da separação. Foi um ensino pioneiro e a primeira turma ginásial foi pela CNEC e depois continuou do município né, depois da CNEC foi que o Estado trouxe o ginásio e hoje já tem todos os níveis de ensino, temos até o científico, a educação de Monsenhor Hipólito a meu ver esta ótima. (PINTO, 2013)

Na época do ginásio cenecista boa parte dos profissionais de educação não tinham formação como atualmente e por conta disso eram escolhidos entre aqueles que tinham mais estudos na cidade ou mesmo por indicação por conta de parentescos. Segundo Santinha (2013) “os profissionais eram... nós éramos aqueles que estudavam fora e tinha o curso pedagógico e tava disponível e todos também se colocavam com aquela vontade e todo mundo queria mesmo o ginásio para Monsenhor Hipólito”. Ainda era um ensino tradicional e o processo metodológico utilizado foi de acordo com os recursos que o período oferecia e normalmente tudo era centrado na figura do professor e no livro didático.

A gente utilizava apenas o livro do professor e fazia algumas pesquisas, eu usava mesmo muito o livro de matemática não sabe, não gostava de ficar só com um, fazia pesquisas, quadro negro, giz e material didático...era o que o professor usava. Eu fazia também muito exercício de fixação né,, trabalho em grupo, as vezes um aluno tinha mais tendência pra matemática então a gente fazia trabalho e um ensinava o outro, porque você ensinar numa lousa não é como você ta no caderno né, então aquele ia passando, transmitindo melhor pro colega, fazia muito trabalho em grupo também, eu gostava de fazer trabalho em grupo. Todo o planejamento das aulas era feito no livro mesmo né, você dividia os capítulos aí as etapas, mês de Março, Abril... assim, o que era possível dar em cada mês você dava, se o aluno não acompanhava aquele conteúdo que você tinha que fazer uma revisão, aí você repetia o conteúdo. Na minha aula de matemática tinha bastante participação dos alunos, exercício da lousa, muitas outras experiências como a participação dos alunos, eu gostava de chamar o aluno na lousa, tinha deles que tremiam

rsrs... naquela época era Amâncio, aquele hoje da Topique, Netin, não sabe, mas eles iam. (PINTO, 2013)

Os recursos ainda eram poucos para que pudesse diversificar as aulas, todo planejamento se dava em torno do livro didático com aulas na prática antiga do quadro negro, com alguns trabalhos em grupo e na figura central do professor, mas, para a época era o mais moderno, até porque era uma cidade interiorana que dava os primeiros passos para o desenvolvimento, por conta disso, os alunos estavam ilusionados com a oportunidade de estudar e queriam aproveitar todos os detalhes, pois era uma oportunidade única e eles agarraram com força, como afirma a ex-aluna Celinha.

O ensino ministrado era restrito devido à inexistência local de recursos tecnológicos existentes nos dias atuais que só enriquecem a metodologia de ensino, porém, eram guiados pelos livros didáticos correspondentes as suas respectivas disciplinas e amparados por uma biblioteca cujos exemplares supriam as nossas necessidades, que era uma das exigências para a implantação da escola. Além da teoria vivenciávamos a prática nas disciplinas de educação artística e de educação para o lar, desenvolvíamos a prática do desenho e da pintura sempre que os conteúdos fossem condizentes com as linhas geométricas e é inegável que alguns professores se destacaram pela versatilidade na metodologia aplicada a transmissão dos conteúdos, porém, todos deixaram seu legado de assíduos e responsáveis que eram. Apesar dos recursos limitados, todos eram habilitados né, todos tinham o título de professor para o ensino e percebíamos esforços sem medidas na explanação dos conteúdos. As avaliações eram feitas mensalmente através de prova escrita mesclada de questões objetivas e subjetivas, interpretações de texto, análises de mapas, trabalhos em grupo e exploração da tabuada com valor quantitativo. A administração adotava o sistema de cadernetas aonde as notas aprovadas eram registradas com caneta azul e as reprovadas com caneta vermelha, uma nota vermelha pra turma, pra todos era um desacato, era um desacato pra gente. Quase nada de interação... éramos de uma geração muito obediente aos pais e conseqüentemente aos professores. Com pouco conhecimento de mídia, pois a televisão era recém chegada, internet não tínhamos, vídeos desconhecíamos, telefone só nas fotografias, revistas eram privilégios de poucos, portanto as informações que nos chegavam eram acatadas, advindas dos mestres e dos livros. (RODRIGUES, 2013)

Na época da CNEC, ainda era estabelecido a relação de apreço e respeito à figura do professor, pois o mesmo era visto como um orientador e sábio, estando ali para transmitir conhecimentos e por isso os princípios básicos como valores,

cooperação e diálogo eram estabelecidos e deveriam ser cumpridos, visto que só assim haveria um bom relacionamento e uma aprendizagem concreta.

A vivência em sala de aula faz com que professores e alunos acumulem experiências e aprendizado que não se encontram em nenhum livro assim como nos mais diversos relacionamentos humanos, tivemos professor competente, professor amoroso, professor sério, professor burocrático, professor autoritário, mas nenhum deles passou sem deixar a sua marca, logo alguns se destacaram, uns pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula, outros pelo comportamento “absoluto” exercido sobre os alunos, comportamento este que não deixou nenhum trauma, pelo contrário, teve o seu lado positivo para a formação de cidadãos conscientes de seus deveres e de suas responsabilidades. Entendo que a recíproca era verdadeira por não haver registros de reprovações dos alunos em nenhuma das séries ao longo dos quatro anos, nem casos de força maior que o afastassem do curso normal desses estudos. Atitudes discentes do tipo: passar noites a luz da lamparina debruçada sobre os livros, caminhar quilômetros com o objetivo de agrupar colegas para estudar e conseqüentemente se sobressair, sair às madrugadas e bater na porta de um e de outro pra não perder aula de Educação Física que acontecia somente as 4 da manhã agregada as peripécias de adolescentes de antes passarmos pelo parquinho e balançarmos nas canoas... são doces lembranças. (RODRIGUES, 2013)

O fato da necessidade de estudar fez com que os alunos se interessassem e se dedicassem as aulas e a tudo que os professores indicavam, embora não tivesse uma instrução elevada se comparado a hoje, os professores utilizavam daquilo que sabiam e que para época era o nível mais avançado.

Olha eu falo sempre... porque eu fazia um treinamento em Teresina que eles faziam um debate, escola antiga e escola atual. Você sabe que antes né, a professora era como assim uma pessoa muito respeitada não era, os alunos respeitavam a professora, obedeciam né, a gente era amiga né, eu pelo menos fui professora de muita gente e eu era amiga de meus alunos, então eu gostava de conversar não sabe, vou dizer que era uma relação pra mim muito boa... agora não vou dizer que não tinha a hora né de ser respeitada pelos alunos, mas os alunos também eram atenciosos e muito interessados. E hoje você sente esta dificuldade na classe né, porque quando tem uma classe de 25, 30...mas tem sempre alguns que são muito desinteressado. O que eu vejo hoje na educação é que aqueles que até tem condição de estudar né e não querem e aqueles que querem não tem condição... Menina era um problema o tamanho interesse dos alunos e pra dar uma nota então, pra saber dos aluno quem ia tirar em primeiro lugar...os meninos de Anita não sabe, Maria Amélia, Gorete de Metom não sabe...aluno estrela aqui eram muitos.. na turma se tinha era um ou dois...mas o resto era tudo estrela. Tudo mais interessado, ninguém diz, mas as pessoas

quando estão com a idade mais avançada tem mais o raciocínio né, mais desenvolvido de que quando você começa num ginásio com...as vezes 8, 9 anos. (PINTO, 2013)

O ensino era noturno nas escolas da CNEC na maioria dos municípios piauienses, isso se deu em decorrência da realidade dos alunos, não era um ensino noturno só para aqueles que estavam fora da faixa etária ou porque trabalhavam durante o dia, na maioria das escolas que a CNEC ofertou determinado grau de ensino só havia as escolas cenevistas e independente dos alunos trabalharem ou não, de estarem na idade certa de estudar ou não, só existia esta forma de ensino, em Monsenhor Hipólito o governo só veio a ofertar gratuitamente após a iniciativa da CNEC.

Tudo era padronizado assim como a diretoria era bastante rigorosa no sentido de exigir o uso de fardamentos e de participação nos eventos realizados pela escola, onde o civismo era presente assim como o respeito perante os profissionais.

Existia uniformes unânimes para todos, meio que plágio das normalistas, a tradicional saia azul batida na parte superior do joelho, blusa branca com o logotipo da CNEC no bolso, é... meias brancas e quishutes, um misto de tênis e chuteira, referenciava os alunos cenevistas dos anos dourados de 75 a 78 de Monsenhor Hipólito. A participação em atividades cívicas, que eram muito poucas na época, além do dever, todos exercia com prazer. (RODRIGUES, 2013)

O sete de setembro naquela época... tinha toda aquela animação né, muita preparação, a gente sempre teve aquele gosto né, muito glamour mesmo...aí já desfilava a escola do estado e a escola do município nessa época e sempre tinha aquela competitividade, cada um querendo fazer mais bonito né, cada um querendo fazer melhor...mas o certo é que...era que era muito interessante os desfiles né... Sempre nós fizemos reuniões, sempre fomos muito assim... de chamar os pais, de conversar com os pais, eu tinha esta habilidade de conhecer o povo... sempre quis conhecer as pessoas, os pais, então, eu nunca tive dificuldades, eu quando o pai não vinha eu ia ao pai e... a gente fazia festinhas, sempre fizemos, o Padre Cícero desde o início temos esta habilidade, tanto é que a escola cresceu muito e hoje nós temos verdadeiros atores né, porque as pessoas foram acostumadas, bem trabalhadas né... festas, reuniões, desfiles, comemorações, a gente não deixava passar nada. A Semana Cultural foi um evento idealizado na busca de aumentar a interação entre alunos, professores, disciplinas ministradas e comunidade...as atividade culturais estavam diretamente ligadas a temas incluídos na linha pedagógica adotada pela escola. Abrimos o evento ao público e desde sua instalação passou a fazer parte do calendário cultural da cidade, realizada no mês de setembro... nos

anos eleitorais evitamos realizar para não gerar conflitos políticos...deixando expectativas tanto para o corpo da escola quanto para a comunidade geral pela realização do próximo evento. (GOMES, 2013)



**Ilustração 10:** Desfile cenequista de 7 de Setembro.  
**Fonte:** Acervo da Escola Padre Cícero.

Quando da chegada da CNEC, ainda era bastante presente o ritmo de civismo e patriotismo da sociedade dentro das escolas, visto que nesse período a difusão deste apego era bastante divulgada em termos nacionais, indagando sobre as disciplinas estudadas e o currículo posto, a entrevistada Santinha coloca que:

Todas as disciplinas...como as de hoje, Português, matemática, ciências, história, geografia, educação física, ensino religioso e ainda tinha educação moral e cívica (EMC) e Organização Social Política Brasileira (OSPB), Obrigatórias. Eu acho que depois de... dá lei de diretrizes e bases da educação pra cá, mais ou menos deixou de existir essas disciplinas de EMC e OSPB, que por sinal eu achei até meio assim, meio falho, porque é uma coisa que ta faltando muito hoje, a questão da... do civismo né, as pessoas estão desprezando, não estão mais valorizando, não é como era antigamente... então aquela disciplina de certa forma né colocava isso na cabeça das pessoas né... o respeito, o conhecimento... hoje a maioria das pessoas não sabem cantar o hino né, as vezes nem conhecem o brasão né. (GOMES, 2013)

Com o colhimento de informações a cerca do sistema colocado na escola cenequista foi perceptível que tudo era bastante rigoroso, desde a uniformização, apresentação da carteira diária e até mesmo o calçado, tudo tinha que ser padronizado, além do que, os alunos cenequistas tinham por obrigação a participar das datas significativas do calendário escolar, onde tudo era planejado e ensaiado com antecedência para que houvesse uma festa bonita, pois todas as datas cívicas eram motivo de comemoração e de exaltação a pátria. Os princípios básicos como valores, cooperação e diálogo foram sempre bem trabalhados pela escola, e segundo as entrevistadas, tudo isso foi se perdendo com o passar do tempo, onde as pessoas não exercem mais as coisas básicas e fundamentais que promovem o respeito diante de acontecimentos essenciais para o crescimento moral da sociedade.

As entrevistas foram de fundamental importância, pois nelas estão os questionamentos levantados pela pesquisadora aos membros da sociedade hipolitana que vivenciaram o período da CNEC e fazem observações de diferentes ângulos.

Na história oral, o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes; a instância da memória passa, necessariamente, a nortear as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes [...]. (MIKKA apud AMADO; FERREIRA, 2006, p. XV).

O ato de recordar é quase sempre individual, mas, a memória, segundo Maurice Halbwachs:

Está sempre inserida nos quadros sociais da vida humana, uma vez que, as comunidades têm uma alma coletiva conformada por sua experiência de vida, por sua cultura, pelos símbolos que cultiva, por seu imaginário social e pelas crenças e valores que orientam o seu cotidiano. (HALBWACHS, 1990 apud DELGADO, 2006, p. 64)

Essa conquista por meio deste ensino representou um fato importante diante das demais cidades piauienses que já tinham ginásios instalados e veio a modificar a vida de praticamente todas as pessoas do município, pois com a instalação do ginásio não houve mais necessidade de deslocamento para outras cidades.

A maioria das pessoas que estavam estagnadas por falta de condições puderam continuar os estudos e com o término dos quatro anos de ginásio pôde

ampliar seus horizontes, algo que aconteceu com boa parte dos concludentes da primeira turma ginásial que buscaram ampliar seus estudos e se especializaram nas diversas áreas de trabalho.

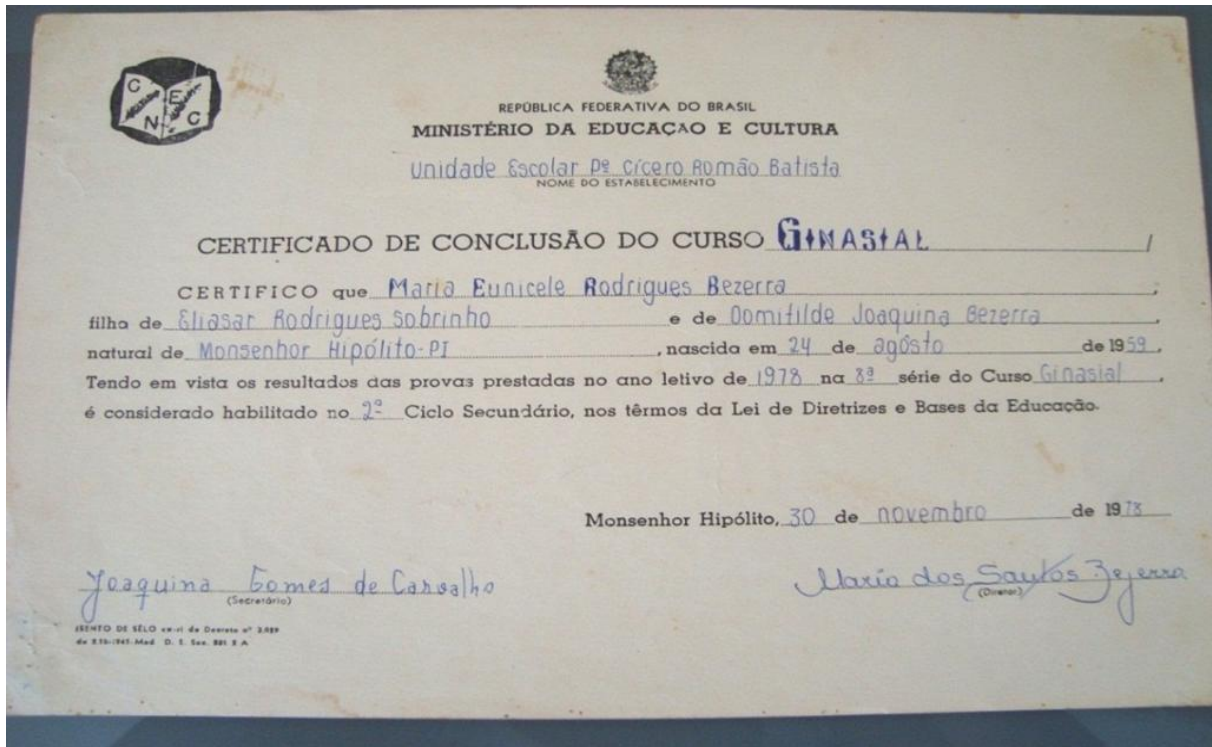
Muitos alunos cenequistas lograram êxito após este ensino, muitos dos médicos de Monsenhor Hipólito, filhos daqui como Dr. Dorta, Dr. Diógenes, Dr.<sup>a</sup> Livia, os meninos meus irmãos não, eles são mais velhos, meu irmão podia de certa forma e foi estudar fora, esses outros tudo terminaram no Padre Cícero. Tem Juiz de Direito que é o caso de Dr. Carlos Hamilton, inclusive ele foi quem fez a festa, hoje muitos advogados né, odontólogos, Dr.<sup>a</sup> Erineuda, Dr. Bruno, é...ah eu não tenho nem conta, todos... todos fizeram o ginásio aqui, muitos Professores...advogados que agora já tem Amanda também, Ana Cláudia... e a tendência é crescer. O pessoal ta ficando mais vaidoso né, já ta saindo, graças a Deus a gente também tem conseguido né, bolsas no São Lucas em Picos, aqueles alunos que eu vejo que tem muita vontade e às vezes eles não podem né, eu tenho conseguido... hoje eu tenho 8 alunos bolsistas do São Lucas e tem conseguido isso por mim, até também é um reconhecimento da escola, tenho no Machado de Assis também em Picos... a gente tem conseguido. A criação do ginásio cenequista possibilitou a conclusão do ensino fundamental sem a necessidade de que os alunos se deslocassem para outras cidades... a qualidade do ensino possibilitou a formação não só de variados profissionais, mas principalmente de cidadãos. O comprometimento, a integração de todos que frequentam e fazem parte do corpo da unidade escolar são responsáveis por seu destaque municipal, no Estado e até em vários concursos a nível nacional, como: concursos de provas nacionais, frases, cartazes, redação, enfim... já foram inúmeros os prêmios que estão anexados e expostos na escola. Posso citar alguns, como: A aluna Joana Mircéias no concurso de frases, onde ficou em terceiro lugar com a frase: "O melhor lugar do mundo é aqui: Monsenhor Hipólito, onde o futuro não se prevê, mas se constrói"; A aluna Suzana Lara que recebeu premiação a nível nacional em um concurso de cartazes sobre drogas e mais recentemente, a aluna Tainara que participou por duas vezes consecutivas do programa Soletando da rede Globo de televisão, alcançando o segundo lugar na última participação, sendo motivo de orgulho e de grande competência para todos os cidadãos hipolitanos. O Colégio Padre Cícero é a marca da competência do município. (GOMES, 2013)

Segundo Silva (2010), até o final da década de 70 a CNEC-PI ofertou apenas o ensino de primeiro grau, e daí por diante as escolas passaram a ofertar o Ensino Médio. Em Monsenhor Hipólito o ensino médio só veio a chegar em 1993, funcionando no mesmo prédio do ginásio e com a mesma diretoria, no entanto recebeu outra denominação, Rosa Gonçalves de Moura Bezerra. Percebemos assim, que esses cursos ao serem implantados buscavam atender uma necessidade da época, como afirma a ex-diretora Santinha.

Após a municipalização da escola, com algum tempo teve o segundo grau, o ensino médio né, que foi um convênio com a CNEC né, o Rosa Gonçalves, que também foi muito bom, que na época trouxe muitas vantagens para o município, pois tal como foi essencial a época que fundou o ginásio, nessa época muita gente que terminava o ginásio também não podia sair pra fazer o ensino médio e o governo do Estado ainda não oferecia, não ofertava o ensino médio...o Rosa Gonçalves funcionava pela CNEC, mantinha o mesmo esquema, tinha a taxa também, sendo fundado em 1993 e fechou em 2000, ofertando apenas o ensino médio. A única diferença do tempo CNEC e da municipalização foi só a questão da instituição que ela deixou de ser privada que a CNEC era a Campanha Nacional, era uma instituição privada era como uma organização não governamental, ela não era do governo ela tinha parceria com o governo e depois que foi municipalizada passou ser totalmente obrigatoriedade de manter tudo era o prefeito aí quem pagava tudo era a prefeitura e eu continuei com o mesmo trabalho. A municipalização foi no dia 02 de janeiro de 1998, porque o governo, aí a obrigatoriedade que tinha mesmo que ofertar o ensino fundamental tinha que ser o estado como um todo e tinha recursos pra isso, então, o prefeito da época teve que municipalizar a escola para poder vir os recursos do FUNDEB que é o fundo de valorização né, e aí é claro que a gente aceitou, reconhecendo o trabalho da CNEC, foi tudo formalizado, dado baixa nas carteiras dos professores né, a documentação da época né, da escola foi entregue na CNEC, tudo documentado, inclusive eu deixei na escola, passei pra nova direção porque também o município não podia perder a oportunidade né, de um direito seu né, de receber recursos. E como a gente sabe os recursos eram mais abrangentes né e os pais iam ter condições também porque aí os pais não iam ter a obrigatoriedade mais de pagar nenhuma taxa. A municipalização foi uma medida tomada por conta do envio de recursos pelo governo federal para a educação municipal. A CNEC era um projeto de sucesso, não houve qualquer atrito ou problema que tenha levado a municipalização da escola, foi somente uma questão de ampliar o acesso dos alunos mais carentes, né... sempre fui muito bem tratada, assim como o colégio, e a administração estadual costumava atender as reivindicações para melhorar o ensino dentro das possibilidades... o colégio era motivo de orgulho para a cidade e para a CNEC. (GOMES, 2013)

Com a implantação da CNEC houve melhorias de forma geral para a cidade, pois com a educação recebida os alunos foram conseguindo melhores condições de vida e puderam almejar profissões diversas, se não na cidade, mas fora dela, alguns dos primeiros concludentes se tornaram professores da instituição municipalizada Padre Cícero e outros saíram pra fora, retornando apenas para visitar a cidade.





**Ilustração 11:** Certificado de Conclusão do Ginásio Cenecista.

**Fonte:** Acervo particular de Celinha.

A Colação de Grau da primeira Turma representou um marco para a cidade e na história desta instituição de ensino, com muita alegria as pessoas que participaram ativamente comemoraram com seus amigos e familiares o fim de uma jornada já na expectativa de uma nova etapa. A festa foi composta da entrega de certificados, missa, baile e discursos das autoridades presentes, pois o significado de concluir o ensino ginásial foi algo de muita importância para todos que estavam se formando.

Como já foi exposto, o ginásio era pago, no entanto, os gastos eram menores por conta das pessoas não terem que se deslocar para outras cidades e esta implantação trouxe melhorias significativas para a cidade, para a população e conseqüentemente para aqueles que estiveram à frente da instituição, pois a mesma recebia recursos de todas as esferas, inclusive da comunidade, administração essa, que teve raízes vitalícias na cidade.



**Ilustração 12:** Diretora na Formatura.  
**Fonte:** Acervo da Escola.



**Ilustração 13:** Alunas no Baile.  
**Fonte:** Acervo da Escola.

A grande festa foi aguardada por todos, foram expectativas de quatro anos, todos queriam participar e agradecer aos mestres e familiares pela conquista afinal representou o fim da primeira fase da longa jornada da unidade cenequista e que se perpetuou até a municipalização da escola em 1998, a respeito deste episódio as entrevistadas colocaram que:

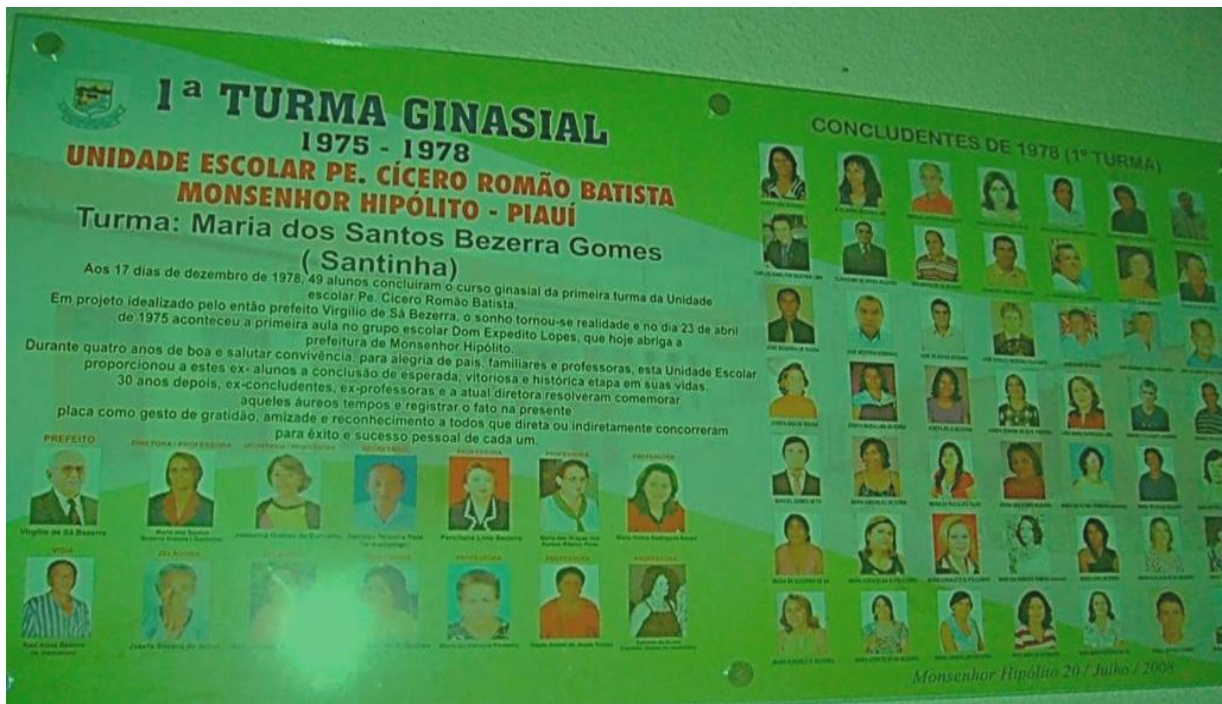
A formatura da primeira turma ginásial... ah! Foi uma das maiores festas de Monsenhor Hipólito, 10 de dezembro, eu tenho a data, de 1978... Missa, festa dançante, amanhecemos o dia. As autoridades de Teresina, Deputados estaduais, têm muitas fotos no colégio. (GOMES, 2013)

Ah... foi quatro anos de expectativa, primeira turma, roupa para o baile, a valsa, ser madrinha, receber homenagem, tudo maravilhoso. Foi uma festa maravilhosa, eu lembro que eu fui madrinha de Zé de Munda dançando a valsa, teve banda, autoridades da CNEC sempre vinha... Santinha foi uma diretora guerreira né, toda vida, ela conseguia muita coisa aí pra escolada CNEC...nunca teve uma colação de grau pra não vir uma pessoa de destaque da CNEC.. Ave Maria, foi um ensino bom demais, a CNEC deixou marca para a população como um ponta pé pra educação de Monsenhor Hipólito e aí o ginásio foi só crescendo. (PINTO, 2013)

Foi um marco, causou uma série de expectativas e de preparação para o momento, onde contribuimos para a realização deste almejado momento e assim fomos reconhecidas como formadora de cidadãos capazes de construir sua história. (JESUS, 2013)

Depende da retina de quem os vê, do olhar de como se enxerga a educação, pra mim foi um marco, foi um acontecimento histórico,

pois se tratava de conquistas e tudo que é conquista que só venha a trazer benefícios deve ser comemorado, deve servir de espelho para que você se debruce e a tome como bússola na direção de um porto seguro. Foi fundamental, foi um marco, foi uma das pilastras! (RODRIGUES, 2013)



**Ilustração 14:** Placa em Homenagem aos primeiros formandos que fica na entrada da Escola.

**Fonte:** Acervo particular de Maria Elba de Sousa.

Após 30 anos da formatura, em julho de 2008, os primeiros concludentes se reuniram para confraternizar, rever e agradecer uma conquista que mudou a vida de todas aquelas pessoas, pois há quase quarenta anos atrás a visão da cidade era bastante diferente e o acesso ao ensino bastante restrito, por conta disso, a chegada da CNEC ficou na memória e na história de todos aqueles que puderam ter a oportunidade de estudar e seguir seus sonhos. Em homenagem a eles foi feito uma placa comemorativa e uma grande festa para que pudesse reunir mestres, alunos, diretora e familiares em prol de lembrar os quatro anos que estiveram presentes neste processo, algo explicito abaixo.

Falar do reencontro da primeira turma nada mais é que foi um marco de alegria, prazer, não apenas para os concludentes, mais para a sociedade hipolitana. Em cada semblante era visível a alegria, admiração, recordação, fraternidade, amizade...cada um contava as brincadeiras, os obstáculos, as vivências seguidas individualmente. O nosso reencontro começou com uma alvorada, em seguida uma caminhada e visita a antiga instituição, lembrando onde ficava e o

que aconteceu em cada canto da mesma, depois fomos a sede própria do Padre Cícero, tivemos um café da manhã e finalizou com uma belíssima e animada festa...Imagina o que sentimos depois de tantas emoções!!! (BEZERRA, 2013b)

30 anos depois... Todos caminham para uma mesma direção, é o ciclo natural da vida, nascer, crescer, viver e morrer. A vida de cada um é o que se caracteriza de acordo com seu destino e suas conquistas, dos 47 concludentes podemos elencar as mais diversas trajetórias, alguns estacionaram culturalmente permanecendo a contento com o ginásio ou mesmo só com o segundo grau, outros alçaram voo conquistando profissões renomadas é...mudaram de ares, casaram, deram continuação a espécie e outras já até passaram deste plano. Assim foi e é com as gerações cenecistas que nos sucederam. Após 30 anos por iniciativa do ex-aluno, atual Meritíssimo Dr. Carlos Hamilton Bezerra Lima promovemos uma festa de reencontro entre os concludentes da primeira turma na qual tive o privilégio de participar deste encontro nostálgico, regado por uma linda alvorada com marco de saída no patamar da igreja matriz de Santa Ana, seguida de uma caminhada até a sede própria do ginásio, hoje na Avenida Norberto Gomes, para nos confraternizarmos tomando um café da manhã e realizando um amigo oculto, café que tive o prazer triplo de saborear, produzir e ornamentar. Fechamos a noite com um baile para os concludentes, amigos e familiares convidados, sensações, prazeres e emoções indescritíveis. (RODRIGUES, 2013)

Todas as pessoas abaixo fazem parte da primeira turma ginásial, cada um seguiu seu caminho e este reencontro serviu para lembrar os tempos de ginásio, pois a instalação e consolidação do Ensino Cenecista Hipolitano trouxe para a população o sonho da continuidade dos estudos, os bailes de formatura, o despertar para os estudos, a possibilidade de um emprego melhor e a ascensão social, posto que era privilégio de poucos até a chegada da CNEC.



Alvorada da 1ª turma da CNEC



Em frente ao primeiro prédio da CNEC



Turma reunida no Padre Cícero



Missa Solene em Homenagem a 1ª Turma



Camisetas para homenageados



Festa dançante para a Turma Cenicista

**Ilustração 15:** Reencontro da primeira turma ginásial em Julho de 2008.

**Fonte:** Acervo particular de Assunção Bezerra.

O estudo sobre o processo educacional na cidade de Monsenhor Hipólito-Piauí, especificamente, com a chegada da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - CNEC e a implantação do Ginásio como pioneiro da Educação básica foi pautado no uso da memória e da história oral, especialmente com aqueles que estiveram presentes nesse processo tão importante para o desenvolvimento da cidade, devido ser a memória “[...] um conjunto de funções psíquicas, graças às quais, o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou, que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p.419), além do fato de a história oral ser “[...] um método de pesquisa, no qual se faz uma gravação sonora de uma entrevista sobre experiências diretas ocorridas durante a vida de uma testemunha ocular” (CRUIKSHANK, 2006, p.151).

É importante ter flexibilidade para explorar todos os caminhos e criatividade para que nenhuma pesquisa se perca por conta de repetições, ou seja, que não apresentem dados de relevância, sendo assim, as entrevistas foram utilizadas dentro do estudo para contribuir no esclarecimento de questões e conferir ou descartar o que antes eram apenas hipóteses, mas, no uso deste procedimento faz-se necessário que o pesquisador tenha sensibilidade para interpretar criticamente as entrevistas temáticas colhidas, bem como o cruzamento dessas informações com os documentos e registros feitos.

Somos os personagens principais da História e é através do estudo histórico que podemos ter conhecimento sobre os elementos sociais e sua atuação transformadora no decorrer do tempo, onde o emprego da história oral nos orienta para o processo de recordação dos sujeitos da história ou mesmo de testemunhos das experiências vivenciadas por uma coletividade através do uso da memória.

Trabalhar com história oral e memória requer uma disponibilidade muito grande ao mesmo tempo em que nos dá uma oportunidade única de adentrar no objeto de estudo de forma fantástica, embora saibamos que este tipo de trabalho exige muito da nossa capacidade de colher e interpretar as informações, é através dele que penetramos no cotidiano e na individualidade de cada entrevistado, além do que, todas as informações coletadas acabam nos dando um sentido amplo do coletivo, aonde cada depoimento individual vai entrecruzando com os demais e formando um discurso direto do período em foco.

Os relatos orais dão vida a outros tipos de documentação, ampliando as possibilidades de interpretação, tanto para quem produz como para quem tem acesso ao estudo, sendo assim, as fontes orais nos possibilitou conhecer o sujeito na sua singularidade e nos permitiu avaliar o papel que os diferentes sujeitos representam na dinâmica social de cada época.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconstruir a História da CNEC não é uma tarefa fácil, principalmente pela carência de fontes e de trabalhos escritos que tratam sobre o assunto. Por este motivo, esta monografia já se revela como importante, mesmo com as lacunas que ainda existem sobre o período estudado. Mesmo sabendo que não podemos dar conta da complexidade e completude da História, aqui foram apresentados alguns resultados da pesquisa feita sobre a chegada da CNEC com o pioneirismo ginásial, em 1975, deixando marcas na memória da maioria da população que vivenciaram o momento.

Estudar o funcionamento e a importância de uma das escolas da CNEC no Piauí foi essencial para entender a contribuição deste ensino para a educação brasileira, pois constatamos que a experiência educacional vivenciada pelos hipolitanos durante a segunda metade do século XX representou uma singularidade na história da educação da cidade que cresce paulatinamente.

Apesar das limitações, buscou-se fazer uma narrativa histórica que visa reconstruir uma parte da História de Monsenhor Hipólito, que tem como plano central um dos episódios mais importante que o município já teve – a implantação do ginásio cenequista.

Foi a CNEC que lentamente foi semeando o conhecimento pelas terras piauienses então desassistidas pelo Estado, mas, com o passar dos anos é sabido que devido à promulgação da Constituição de 1988, a CNEC perdeu o estatuto de filantropia, pois o Estado passou a ampliar a instalação de escolas pelo interior, ministrando ensino equivalente aos da CNEC e a mesma não pôde concorrer por muito tempo, ocasionando a redução de unidades escolares, inclusive por perder parte de seu financiamento público.

De fato, a implantação do Curso Ginásial transformou a realidade da época, trazendo oportunidades dos filhos de famílias humildes continuarem seus estudos, bem como influenciou uma maior atenção por parte do Estado para melhorar a qualidade do ensino público e a própria administração municipal procurou ampliar aos poucos sua atuação. Proporcionou ainda a criação e perpetuação de eventos culturais que engloba o corpo da escola com a sociedade em geral.

As fontes orais e as fotografias que trazem a representação da chegada da CNEC na cidade, neste trabalho, nos possibilitaram informações fundamentais para

a composição textual da monografia. Entretanto, este trabalho não abrange todas as possibilidades de estudo da CNEC em Monsenhor Hipólito. Este é apenas o ponto inicial, o período pode ser analisado por várias vertentes, como por exemplo, a chegada do Ensino Médio em 1983 que também já era uma necessidade da Cidade ou mesmo o motivo que levou a municipalização da escola, são lacunas para futuras pesquisas.

O presente trabalho buscou construir uma parte importante da História do município, tornando-o uma referência para novos pesquisadores que pretendem dar continuidade ao estudo do tema, e quem sabe, até mesmo um incentivo para novas pesquisas sobre a cidade de Monsenhor Hipólito-PI. Acredita-se que esta pesquisa colabore para outros estudos, pois a mesma contém um aparato de informações importante, contudo, está sujeita a novas interpretações ou mesmo ao preenchimento de eventuais lacunas que surjam no decorrer do tempo, sejam elas por não serem perceptíveis ou mesmo pela falta de fontes.



## FONTES E REFERÊNCIAS

### a) Fontes orais

BEZERRA, Josefa Zélia. **Entrevista concedida a Maria Elba de Sousa.** Monsenhor Hipólito (PI), 08 de maio de 2013a.

BEZERRA, Maria da Assunção. **Entrevista concedida a Maria Elba de Sousa.** Monsenhor Hipólito (PI), 15 de maio de 2013b.

GOMES, Maria dos Santos. **Entrevista concedida a Maria Elba de Sousa.** Monsenhor Hipólito (PI), 08 de maio de 2013.

JESUS, Odete Anísia de. **Entrevista concedida a Maria Elba de Sousa.** Monsenhor Hipólito (PI), 17 de maio de 2013.

PINTO, Maria das Graças Ribeiro Bezerra. **Entrevista concedida a Maria Elba de Sousa.** Monsenhor Hipólito (PI), 15 de maio de 2013.

RODRIGUES, Maria Euniceles Bezerra. **Entrevista concedida a Maria Elba de Sousa.** Monsenhor Hipólito (PI), 17 de maio de 2013.

### b) Livros

ALBERTI, Verena. **Ouvir e contar textos em história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1990.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da pedagogia: Geral e Brasil.** 3 ed. - ver. ampl-. São Paulo: Moderna, 2006.

BEZERRA, Miguel Joaquim. **Das origens às raízes: “2007- 100 Anos de Santa Ana- Padroeira de Riachão”.** Monsenhor Hipólito, PI, 2007.

CRUIKSHANK, Julie. **Tradição oral e história oral:** revendo algumas questões. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da história oral.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral- memória, tempo, identidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral.** 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral:** possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanistas, 2002.

GOMES, Felipe Tiago. **Escolas da Comunidade**. Brasília: CNEC Edições, 1989.

\_\_\_\_\_. **História da campanha nacional de escolas da comunidade**. 5ª ed. Brasília, DF: CNEC Edições, 1980.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Rio de Janeiro: Vértice, 1990.

HOLANDA, Ivanildo Coelho de. **CNEC: um estudo histórico**. João Pessoa: Edições UFPB, 1981.

JANOTTI, Maria de Lourdes; ROSA, Zita de Paula. **História oral: uma utopia**. Revista Brasileira de História. (25-26). São Paulo: ANPUH, 1993.

LE GOFF, Jacques. **A História nova**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **História e Memória**. 5ª ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. Projeto História. (17) São Paulo: EDUC, 1998.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. São Paulo: Nacional, 1990.

MELO, Francisco Egberto de. **A cultura cívica na educação cearense (1963-1973)**: Na tapeçaria da História, entre o “livro da professora” e os festejos à Pátria e o progresso. Dissertação de mestrado em História Social. Fortaleza, CE: 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

SAMUEL, Raphael. **História Local e História Oral**. In: Revista Brasileira de História. Pp. 219-242. V-9, nº 19, set. 1989/ fev.1990.

SAVIANI, Demerval. **A Nova Lei da Educação: Trajetória, Limites e Perspectivas**. Campinas: Autores Associados, 1997.

SILVA, João Batista da. **A trajetória das escolas da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade- CNEC no Piauí: 1952- 1997**. Dissertação de mestrado em Educação, Teresina, PI: 2010.

SILVA, Ronalda Barreto. **Educação comunitária: além do Estado e do Mercado? A Experiência da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade- CNEC (1985/ 1998)** / Eneida Ferro Rocha. Campinas, SP: 2001.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.